

A CASA TOMBADA
FACONNECT – FACULDADE CONECTADA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO”

UM LIVRO ILUSTRADO DE FILHO PARA PAI
O processo de edição, circulação e mediação do livro ilustrado Pai Francisco

LIZANDRA MAGON DE ALMEIDA

SÃO PAULO

2024

LIZANDRA MAGON DE ALMEIDA

UM LIVRO ILUSTRADO DE FILHO PARA PAI

O processo de edição, circulação e mediação do livro ilustrado Pai Francisco

Trabalho de conclusão de curso apresentado a A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de especialista em Pós-Graduação Lato Sensu – O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação.

Orientação: Prof. Ananda Luz

SÃO PAULO

2024

Resumo

O trabalho tem por objetivo descrever as etapas de criação, edição e produção do livro ilustrado *Pai Francisco*, de Marina Miyazaki, ilustrado por Marcus Vinicius Vasconcelos, e apresentar sua trajetória inédita em termos de temática, por abordar a questão do encarceramento do pai do personagem-narrador da história (filho) e sua relação filial, e de circulação, uma vez que foi adquirido por um programa de incentivo à leitura em presídios do Ministério da Justiça do Brasil. Também discute a grave situação carcerária do país e a importância da leitura em espaços de privação de liberdade.

Palavras-chave

Edição de livros para a infância. Livro ilustrado. Leitura em espaços de privação de liberdade. Remição de pena pela leitura. Encarceramento em massa. Racismo. Machismo. Direitos humanos.

À autora Marina Miyazaki, por seu olhar sensível e sem condescendência para a infância. Ao ilustrador Marcus Vinicius Vasconcelos, por traduzir em imagens o que as palavras não são capazes de dizer. A Vanusa Maria de Melo e todos os mediadores de leitura em projetos de leitura em espaços de privação de liberdade. A todos e a todas que lutam contra o encarceramento em massa no Brasil. À minha orientadora Ananda Luz, por ir muito além.

Sumário

•	Introdução: Um livro para definir um catálogo	6
•	Capítulo 1: <i>Pai Francisco</i> , um livro ilustrado	10
○	Construindo um livro ilustrado a seis mãos	10
○	Vários temas difíceis em um só	18
•	Capítulo 2: Um livro e seus públicos: a leiura na remição de pena	22
○	<i>Pai Francisco</i> afetando seus leitores	27
•	Conclusão: Um tema em ascensão, uma discussão que o Brasil precisa fazer	30
○	Novos livros sobre o mesmo assunto	32
	Referências bibliográficas	34
	Anexo 1: Diálogo com Marina Miyazaki de Araujo	37
	Anexo 2: Diálogo com Vanusa Maria de Melo	45

Introdução

Um livro para definir um catálogo

Depois de muitas traduções literárias, um ano e meio empregada em uma editora de grande porte e 12 anos à frente de um estúdio que prestava serviços editoriais para grandes editoras, em 2014 transformei minha empresa Pólen Editorial na editora Pólen Livros, com três linhas editoriais: não ficção com livros de e para mulheres, literatura de mulheres e infantojuvenil.

Sempre gostei de livros, sempre fui uma grande leitora, sempre quis trabalhar com isso. Mas, mesmo para uma pessoa de classe média, filha de jornalista e aluna da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), o mercado editorial parecia um Olimpo intelectual inatingível¹. Estudei jornalismo e cursei disciplinas optativas no curso de Editoração, mas ainda assim parecia que me faltava “estofa” para ser dona de um negócio tão sofisticado.

Foram necessários 12 anos produzindo livros para editoras para que eu me sentisse autorizada a construir meu próprio catálogo. Estava em uma boa fase pessoal e profissional, e sentia uma movimentação no mercado em prol de novas e menores iniciativas. Via que novas tecnologias, como a impressão digital, e a ainda incipiente, mas possível, impressão sob demanda poderiam viabilizar pequenas editoras. E a discussão feminista tinha me pegado.

Para mulheres lidas como brancas como eu, da Geração X², que tiveram o privilégio de escolher a carreira que queriam seguir, que tiveram a formação necessária para ingressar em uma universidade pública de ponta, que decidiram com quem se casar e se ter ou não filhos, parecia que o trabalho das feministas já estava feito. Eu nunca me considerei feminista. Depois de uma separação difícil, comecei a fazer terapia(s) e percebi que o patriarcado continuava a me assombrar, assim como às mulheres em geral. Desde 2008, eu participava de um grupo de mulheres que discutia as questões que nos afetavam como mulheres – nos âmbitos da família,

¹ No período em que abri a editora, o mercado editorial brasileiro era formado principalmente de empresas de grande porte, algumas financiadas por bancos, outras passadas de pai para filho há gerações, algumas já com capital estrangeiro, o que se intensificou nos anos seguintes. Eram poucas as pequenas casas editoriais, mas nesse período muitas iniciativas começaram a surgir, em paralelo a feiras literárias e várias outras manifestações poéticas e literárias. Eu também sentia que a formação em jornalismo não me credenciava para ser editora de livros literários, que eu precisaria ter um conhecimento mais aprofundado resultante de um curso de Letras, uma erudição, algo que sempre esteve associado à dita alta cultura no Brasil.

² A Geração X compreende as pessoas nascidas em culturas ocidentalizadas entre 1965 e 1980, posterior à dos chamados Baby Boomers, considerada a geração do pós-Segunda Guerra Mundial. É a geração dos yuppies, das grandes corporações, do início da globalização e da digitalização.

dos relacionamentos, do trabalho – e esse encontro entre pares foi fundamental para o despertar dos problemas que ainda nos afetavam.

Em 2014 surgia o movimento #readwomen2014, criado pela norte-americana Joanna Walsh, para questionar a disparidade estapafúrdia na quantidade de homens e mulheres publicados. Em 2015, Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, inspiradas no movimento de Joanna Walsh, criariam o Leia Mulheres, que ajudou a disseminar a discussão no Brasil.

Eu sentia falta de ler livros que abordassem as mesmas questões que estavam se colocando para mim como mulher em torno dos 40 anos. Então decidi que essa seria minha linha principal e comecei publicando *O legado das deusas*, de Cristina Balieiro, psicóloga junguiana e uma das mentoras do grupo terapêutico de mulheres do qual eu fazia parte. Ainda me sentia acanhada para publicar literatura, pois me ressentia de não ter formação na área, mas resolvi publicar o *Manifesto do sonhador*, prosa poética de Regina Gulla, criadora da oficina literária em que eu finalmente tinha me descoberto escritora no fim da primeira década dos anos 2000.

Por fim, surgiu um original infantil, algo que eu jamais imaginaria publicar. Dois colegas de faculdade, Lúcio Goldfarb e Pedro Menezes, tinham criado um livro com a história de Joãozinho, um menino que tudo tem e tudo quer. Eu não tinha a menor ideia de como fazer e do que era um bom livro infantil, mas a discussão sobre consumo consciente já estava em meu radar e me pareceu importante. Fizemos alguns ajustes na história, que terminava de um jeito que considerei meio cínico, e, em 23 de abril de 2014, Dia Internacional do Livro, Dia de São Jorge, Dia de Ogum, dia em que nasceu João, filho do Pedro, inauguramos a editora com esses três primeiros títulos que delimitavam as três linhas editoriais da então Pólen Livros.

A discussão de temas contemporâneos e eventualmente polêmicos já estava na gênese do catálogo infantil da editora, portanto. Mas a linha editorial dos infantis ainda não estava exatamente definida. Além de *Joãozinho Quero-Quero*, não havia outros projetos em pauta.

Em 2012, pouco antes de abrir a editora, Adriana Salles Gomes, amiga e editora da revista *HSM Management*, para a qual prestava serviços de tradução e que viria a editar em algumas oportunidades, tinha me mandado um original. Sabendo que eu tinha contatos em algumas grandes editoras por conta da prestação de serviços, me pediu um favor. “Uma amiga que só conheço do Twitter escreveu esse livro que eu achei genial. Você não consegue ver se alguma editora que você conheça quer publicar?”

Assim chegou à minha mão o original do livro *Dislexicando*, de Marina Miyazaki de Araujo. Um texto escrito no que a autora chamou de “dislexiquês”, ou seja, um livro que

incorporava os erros ortográficos mais comuns que os disléxicos costumam cometer. Cada disléxico comete alguns tipos de “erros” específicos, e ela tentou representar essa variedade no texto, que reúne pequenas crônicas de e sobre uma menina que se sente autorizada a dislexicar por aí depois de muito ser rotulada e humilhada por conta dos problemas ortográficos de sua escrita.

Adorei o texto e conversei com dois amigos editores, um na Editora Ática e outro na Editora Manole. Acharam interessante, divertido, mas o projeto era ousado demais. Como assim publicar um livro cheio de erros ortográficos? Dei essa devolutiva para minha amiga e a história ficou por aí.

Voltamos então para 2014. Eu estava trabalhando em casa até final de 2013, e planejando a abertura da editora. Voltei a alugar um escritório, que passei a dividir com um casal de amigos, dono da Teremim, produtora audiovisual especializada em animação. Marcus Vinicius Vasconcelos e Nadia Mangolini eram um casal talentosíssimo, que se complementava nas várias funções da produção audiovisual.

Pensando no que publicar no ano seguinte, e já tendo conversado com Vinicius sobre a possibilidade de ele ilustrar um livro nosso, lembrei daquele original escrito em dislexiquês. Se nenhuma editora grande tinha se interessado, eu tinha total liberdade para publicar algo assim.

Entrei em contato com a autora e perguntei se ela teria interesse em publicar o livro, e se tinha mais algum material. De 2012 para 2014 o projeto já tinha avançado. Nesse meio tempo, ela tinha reencontrado um amigo de infância, Tony de Marco, também disléxico, ilustrador, grafiteiro, editor e criador de fontes tipográficas. Um disléxico com muita dificuldade de ler e escrever e que transformou em profissão a habilidade de desenvolver fontes para computador que facilitassem a leitura. *Dislexicando* já estava praticamente pronto, ilustrado e diagramado. E aí ela me mostrou o *Pai Francisco*. E eu mostrei para o Vinicius. E então começou esta história, que agora se torna mote de uma pesquisa acadêmica autobiográfica e autoeditorial.

Hoje o catálogo da editora reúne mais de 30 títulos infantojuvenis, mas a síndrome de impostora que surgiu no início nunca me abandonou. Foi ela que me motivou a cursar a pós-graduação em livro para a infância de A Casa Tombada. Porque nenhum outro livro de nosso catálogo teve a trajetória editorial e comercial de *Pai Francisco*, nem a repercussão social e a gratificação pessoal que esse projeto nos deu.

Em 2020, 25 mil exemplares do livro foram adquiridos pelo Ministério da Justiça, ao lado de outros 11 títulos³, para distribuição em presídios federais de todo o Brasil. Era o único livro ilustrado para a infância incluído na lista. No mesmo ano, o nome da editora passou a ser Jandaíra, em função de um conflito de marcas com uma grande empresa de papel.

Pai Francisco apresenta um momento na vida de um menino cujo pai está afastado do convívio social, encarcerado. Um homem que foi julgado e condenado pela sociedade, mas que é amado pelo filho, que anseia pelos dias de visita e que reflete sobre a própria vida diante dessa ausência. Um texto sensível, ingênuo, que é apenas um breve expressar de amor filial. E que segue sendo um marco no catálogo da editora, configurando-se como um verdadeiro livro ilustrado, segundo os critérios que serão discutidos no Capítulo 1, e que chegou a um público inesperado mas desejado – no caso, homens em privação de liberdade –, passando a integrar não só as bibliotecas prisionais, como permitindo que sua leitura reduzisse a pena em até quatro dias, como discutimos no Capítulo 2.

³ Estudo técnico preliminar do Ministério da Justiça que indicou a seleção do livro para o edital: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/pt-br/acao-a-informacao/licitacoes-e-contratos/licitacoes/pregao/2020/pregao-eletronico-n-31-2020/estudo-preliminar.pdf>. Acesso em 11 mai. 2024

Capítulo 1

Pai Francisco, um livro ilustrado

Uma postagem de Instagram para um curso oferecido pelo ilustrador Odilon Moraes e pela escritora Carolina Moreira para A Casa Tombada afirma: “O livro ilustrado é o lugar em que palavra, ilustrações e design estão completamente entrelaçados”. A partir dessa afirmação, posso dizer que *Pai Francisco* é um livro ilustrado. Porque nele as três linguagens – texto, ilustrações e projeto gráfico – se unem para criar uma narrativa multiexpressiva. É um livro para crianças? Inicialmente pensamos que sim. Hoje sabemos que pode ser, mas a trajetória do livro nos mostrou que foi muito além.

Construindo um livro ilustrado a seis mãos

O livro chegou para mim em formato de texto, em Word. Poucas palavras em uma única página. Comecei a conversar sobre as possibilidades do material com Marcus Vinicius Vasconcelos, amigo e colega de escritório, que naquele momento estava envolvido com a produção de alguns projetos de curta-metragem de animação.

Como eu já estava publicando o *Dislexicando*, que tinha mais texto e era todo colorido, e queríamos lançar os dois juntos. Não sobravam muitos recursos para investir nesse outro título, que tinha me encantado, mas que eu entendia como limitado em termos de retorno financeiro. Na verdade, ambos os títulos de Marina Miyazaki eram bem pouco convencionais quanto a temática e forma. Não queria um livro com muitas páginas, o formato precisava oferecer um bom aproveitamento de papel e o acabamento teria de ser o mais simples possível. Decidimos fazer o livro no formato quadrado, de 20 x 20cm. Em geral, formatos quadrados não favorecem o aproveitamento de papel, mas esse formato é um dos melhores segundo esse critério, e bastante utilizado em livros para crianças. Dividimos o texto em 16 páginas, o que só permitiria que a versão final fosse grampeada.

A impressão em máquinas gráficas chamadas off-set acontece em folhas nos formatos 66 x 96 cm ou 76 x 112 cm, dependendo do porte da máquina. As páginas são dispostas nas chapas de impressão de maneira a sobrar a menor quantidade possível de rebarbas sem impressão. Depois são dobradas para formar cadernos, com impressão na frente e no verso, sempre com paginação múltipla de 4. Em geral, as gráficas médias e grandes trabalham com cadernos de 16 ou 32 páginas. Esses cadernos são dobrados e refilados (cortados), depois costurados entre si e colados à capa. A partir de uma certa quantidade de páginas, em geral 36 (mas isso varia conforme a gráfica e a gramatura do papel), os cadernos costurados formam o

que se conhece como lombada quadrada, que é a lateral do livro oposta à abertura das folhas, onde se pode imprimir o título e o nome do/a autor/a. O acabamento de um livro de 16 páginas só pode ser feito com grampeamento de capa e miolo juntos, porque não há espaço suficiente para garantir uma boa colagem do miolo na capa.

Quando começou o processo de ilustração, Vinicius logo pensou na criança, no pai, no estilo. E criou um primeiro esboço do que seria uma página dupla. Mas o tempo passou e ele teve dificuldades de dar continuidade às ilustrações em meio às atividades da produtora. A autora mora em Londrina (PR) e viria a São Paulo para o lançamento dos livros, porque é originalmente de Santos e aqui se concentrava sua rede. Haveria todo o deslocamento dela e de sua família de cinco filhos. Então *Pai Francisco* precisava estar pronto para o lançamento junto com o *Dislexicando*, ou perderíamos uma janela de oportunidade para a venda de um livro que em si já era limitado, uma vez que trata do encarceramento, um tabu social cercado de muito moralismo.

Faltando uns dois meses para o lançamento, ainda só tínhamos o primeiro esboço em papel, desenhado a lápis, e mais uma ou outra tentativa de criação dos personagens. Vinicius me chamou para conversar e disse que achava que não teria tempo para criar outras duplas tão elaboradas quanto a primeira. Nos pusemos a pensar em como solucionar o problema no pouco tempo que nos restava.

Foi quando tive a ideia de simplificar ao máximo a narrativa visual, focando a questão da salada, um elemento fundamental da história. Já havia alguma referência ao menino estar sentado à mesa, um rascunho da imagem que abre o livro (veja Fig. 1). “E se o menino estivesse almoçando e só aparecesse o prato de comida?”, propus. “A cada dupla, a comida vai desaparecendo e por fim só sobra a salada.”

Fig. 1: Cena inicial do livro



Fig. 1: O personagem principal é um menino azul. Na primeira cena, o fundo amarelo representa o ambiente da casa. A toalha da mesa, em tom marrom, é o pano de fundo (literal e simbólico) das cenas seguintes

No começo, Vinicius resistiu. Assim ele teria pouca oportunidade de apresentar seu trabalho. Era o primeiro livro infantil que fazia, tinha caprichado na primeira prancha, queria exibir seu talento. Eu também queria, mas o prazo estava falando mais alto. Então ele decidiu usar a toalha da mesa como uma “tela” em que a história se desdobraria. Manteve o prato em metade da página, só com a salada, para não ter de desenhar um prato diferente em cada dupla, e criou algum ritmo e movimento com situações insinuadas na toalha (veja Fig. 2).

Fig. 2A, 2B e 2C: Cenas do livro



Fig. 2A: Na primeira cena sobre a toalha, o prato de comida é apresentado com todo o seu conteúdo e o pai toca seu violão, referência à cantiga infantil *Pai Francisco*



Fig. 2B e 2C: O prato com a salada em evidência se mantém sempre à esquerda da cena. No restante do espaço, sobre o fundo da toalha, acontecem as ações

A salada tem importância crítica e dramática na história. Com sua voz infantil, que Marina Miyazaki reproduz como poucos escritores e escritoras que conheço, o menino vai contando das dificuldades que enfrenta na escola e da saudade que sente do pai. Conta das visitas e de tudo que quer fazer com o pai quando ele voltar. E conclui dizendo que a mãe

sempre diz para ele comer a salada para crescer, mas que ele não quer crescer enquanto o pai não voltar.

Cá entre nós, eu preferia que a comida fosse desaparecendo até só a salada sobrar no prato no final. Mas certamente o conjunto seria mais monótono. Em não sendo possível fazer os dois, Vinicius decidiu usar a toalha como recurso. E o desenho inicial mais elaborado, que daria a tônica de todo o livro, acabou sendo usado no verso da capa do livro, em uma cor só, com destaque para uma frase do livro: “Ele sabe infinito” (veja Fig. 3).

Fig. 3: Imagem do verso da capa do livro

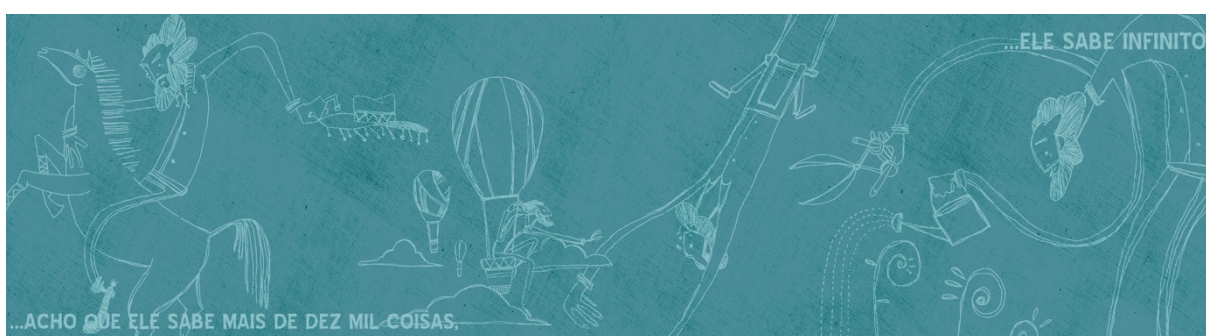


Fig. 3: O verso da capa representa o pai na imaginação do menino

Apresentamos a ideia para a autora, que pontuou algumas coisas. Como ela explica em entrevista (veja Anexo 1), havia a preocupação de como o personagem seria representado para não reforçar estereótipos. Segundo ela, foi fundamental que o ilustrador tenha criado um menino azul, para evitar que fosse identificado como uma criança negra. Mesmo sabendo que 68,2% da população carcerária brasileira⁴ é formada por homens negros, a preocupação com a representatividade (positiva ou negativa) sempre esteve presente. O fato de o personagem ser um menino também tem importância crítica na história, justamente para propor discussões e questionar estereótipos do gênero masculino (veja Fig. 4). Quando se prepara para ir com a mãe visitar o pai na penitenciária, por exemplo, ele diz que o pai pediu que cuidasse da mãe, por isso ele quer carregar o que estão levando para a visita, mas a mãe só o deixou carregar uma “sacolinha de criancinha”. Também afirma: “Antes, eu achava que ele era médico, porque ele nunca está em casa à noite, igual ao médico que me costurou outro dia quando eu caí e quase nem chorei, eu não sou nenezinho”.

⁴ Bocchini, Bruno. População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica. **Agência Brasil**. <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2023-07/populacao-negra-encarcerada-atinge-maior-patamar-da-serie-historica>. Acesso em: 14 fev 2024.

Fig. 4: Cena em que o menino se refere a não poder chorar



Fig. 4: O machismo patriarcal que impede o menino de expressar suas emoções também é uma discussão levantada pelo livro

Quando apresentamos a ideia, a autora aprovou e gostou, mas ponderou que, da forma como estava, com a última imagem sendo apenas o prato inteiro com a salada, a história terminaria de um jeito desesperançoso. “As crianças não ficam paradas esperando os adultos, elas seguem em frente”, afirmou. Sugeriu então que acrescentássemos uma imagem em que o prato de comida estivesse totalmente vazio.

Na entrevista concedida para este trabalho (veja Anexo 1), ela conta que, pouco depois do lançamento do livro, recebeu um e-mail da tia de um menino cujo pai cumpre pena. O garoto tinha lido o livro e se identificou tanto com a história que tinha certeza de que a autora o conhecia. Em *Pai Francisco*, o personagem quer que o pai volte logo para casa, porque os dois jogam futebol juntos e ele é quem sobe para tirar a bola do telhado quando necessário. No caso do menino leitor, ele queria esperar que o pai saísse para ensiná-lo a andar de bicicleta. Diante da demora, aprendeu a andar de bicicleta sozinho, para poder surpreender o pai quando saísse.

Marina é psicóloga de formação e entende que a criança tem recursos para encontrar saídas onde os adultos muitas vezes não encontram. Assim, propôs que acrescentássemos essa página em que haveria o prato com restinhos de arroz e feijão, sem a salada. Porque, em algum momento, a criança comeria tudo. Com ou sem pai, como aconteceu na realidade com o menino que aprendeu sozinho a andar de bicicleta. A ficção e a realidade se retroalimentam, criando um círculo virtuoso de reconhecimento e representatividade.

Tecnicamente, como explicado anteriormente, o livro precisa ter um número de páginas múltiplo de quatro, mas as gráficas offset costumam trabalhar com cadernos de 16 páginas, em função do tamanho da folha de papel utilizada. Cadernos menores, de 8 ou 4 páginas, exigem trabalho manual de encadernação, o que encarece o custo final. Como já tínhamos construído o livro todo com um bom aproveitamento de páginas, ficamos pensando em como atender a autora com a novidade que estava propondo.

Resolvemos então ocupar toda a contracapa com o prato vazio (veja Fig. 5). Comercialmente, isso é um problema, pois o comprador, na livraria, fica sem informações que o orientem sobre o conteúdo do livro. Fizemos uma orelha grande, para dar mais estrutura ao livro, que é bem “fininho”, e foi possível colocar ali um texto poético da própria autora que diz: “Um pai real, um pai imaginário/Um pai do mal, um pai do bem/Todos habitam o mesmo pai”. Além disso, nenhuma explicação, nenhum atalho.

Fig. 5: Reprodução da capa do livro aberta



Fig. 5: A capa do livro em seu arquivo para impressão mostra, à esquerda, a orelha de trás, com as biografias resumidas de autora e ilustrador. Depois, a contracapa com o prato vazio e então a capa. E, à direita, a orelha da frente com o texto da autora sobre a figura paterna

Como editora, esse silêncio também foi resultado do meu receio. A discussão sobre questões raciais e representatividade ainda não estava tão presente na minha vida, e muito menos no catálogo, hoje todo formado por livros que discutem questões de raça, classe e gênero, mas a preocupação da autora com os estereótipos rondou todo o processo de feitura do livro. Marina não queria que a representação dos personagens desse a entender que eram pessoas negras, para não reforçar estigmas. E agora estávamos diante da questão de como dizer aos pais da criança que eventualmente comprariam o livro que ali estava a história de um menino cujo pai estava encarcerado.

Eu tinha consciência do tabu que existe em torno do tema. Estávamos em 2015, num momento em que a polarização direita-esquerda na política brasileira ainda não tinha se

instalado, mas o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff já estava em curso⁵. Discursos conservadores começavam a questionar as conquistas das mulheres, da população LGBTQIAPN⁶, os programas de inclusão como o de cotas raciais. A defesa dos direitos humanos começou a estar, mais explicitamente, na mira dos conservadores.

Esse era o contexto imediato, mas a falácia dos “direitos humanos para humanos direitos” sempre fez parte do imaginário brasileiro. Em sua concepção original, expressa na Declaração dos Direitos Humanos formulada pela Organização das Nações Unidas (ONU) após a Segunda Guerra Mundial, direitos humanos são todos os direitos que conferem dignidade às pessoas. Em um país desigual como o Brasil, é fácil distorcer esse conceito. Se a farinha é insuficiente para o pirão de todos, é preciso criar mecanismos que impeçam certos grupos de compartilhar dessa farinha. No fim das contas, é sempre o dinheiro e o poder que contam.

Em paralelo, o acirramento do neoliberalismo, até como forma de reação às conquistas sociais trazidas pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva de 2003 a 2011, que trouxe inclusão a mais pessoas, colocou em evidência a ideia da meritocracia, em que as pessoas mais esforçadas e comprometidas com os valores capitalistas têm mais chance de ascensão social. A ascensão social, por sua vez, também acaba sendo justificada por essa lógica, ou seja, quem já conquistou uma posição social mais alta o fez por seus próprios méritos. Logo, pessoas de baixa renda, presidiários, adictos e outros marginalizados sociais são resultado de seu próprio caráter, inércia e falta de esforço. Ao criarmos um livro para crianças em que humanizamos o pai encarcerado e sua relação com o filho, por essa lógica, estávamos “defendendo bandido”. Essas discussões fizeram parte do processo de criação do livro, e eram muito claras tanto para a autora como para mim, como editora, e para o ilustrador.

Da forma como ficou, com o prato vazio na última página do livro, sem qualquer texto, a história termina, mas vem uma “cena dos próximos capítulos”, por assim dizer. E isso provoca muitas discussões interessantes. Em participação na Festa Literária Internacional de Maringá (FLIM) em 2023, Marina foi convidada a conversar com alunos de uma escola que trabalharam seu livro por algumas semanas antes do encontro. Se, para a autora, o prato vazio representaria o amadurecimento da criança e sua estratégia de individuação, para algumas crianças significa que o pai voltou ou que elas foram obedientes à mãe (veja Anexo 1). Em entrevista para este trabalho, a professora e pesquisadora Vanusa Maria de Melo, que atua em projetos de

⁵ Depois de uma eleição apertada, em que a presidenta Dilma Rousseff se reelegeu contra Aécio Neves, começaram a ser levantados motivos para um possível impeachment, que se concretizou em 2016.

⁶ Sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Polissexuais, Não-binárias e mais.

ressocialização e remição de pena pela leitura em presídios do Rio de Janeiro (mais detalhes no Capítulo 2 e no Anexo 2) afirma que, em uma de suas mediações, um dos apenados afirmou resolutamente que o pai já tinha sido posto em liberdade. “Por que você acha isso?”, perguntou Vanusa. “Porque o menino comeu a salada.”

A partir dessas discussões entre autora, editora e ilustrador, o projeto gráfico e editorial do livro se construiu. Vinicius também é designer e foi ele quem definiu fontes tipográficas, paleta de cores, estilo das ilustrações. Em uma editora pequena como a minha, eu acumulo várias funções e uma delas é a de produtora gráfica. Meu pai sempre trabalhou produzindo publicações institucionais para associações médicas de várias especialidades, e nossa casa era cheia de materiais editoriais.⁷ Depois de formada em jornalismo, também cursei graduação em Design Digital, que não foi concluída, mas que aprofundou meus conhecimentos sobre design gráfico. Como produtora gráfica, portanto, defini formato, tipo de papel, tipo de encadernação, acabamento. No caso deste livro, não tivemos um designer contratado, mas unimos minhas habilidades às do ilustrador, que também é designer, para definir essa perna do tripé texto-ilustração-projeto gráfico do livro ilustrado.

No trabalho *A paternidade encarcerada a partir do relato filial: Uma leitura de “Pai Francisco”*, de Marina Miyazaki Araujo, o pesquisador Gustavo Haiden de Lacerda se dedica a analisar o livro e conclui:

Em *Pai Francisco*, escritora e ilustrador, juntos, dão matéria a uma história que se constitui pela imbricação verbo-visual. A imagem não está ali somente como representação da história narrada por escrito, mas é capaz de contar sua própria história. O texto visual narra conjuntamente e paralelamente, oferecendo complementação, o que não quer dizer que se trate de uma questão de mera soma, mas de perturbação e interferência, explorando zonas de sentido próprias a cada meio semiótico. Na obra em análise, veremos que é inclusive uma imagem a responsável pela conclusão da narrativa. (LACERDA, 2019)

Vários temas difíceis em um só

O tema do livro em si já era suficientemente inusitado para o público geral, restringindo o alcance comercial da obra, mas outros aspectos também provocam discussão, como as

⁷ Meus papéis de desenho na infância eram laudas jornalísticas, a folha de papel base onde as matérias eram datilografadas, com a contagem das linhas e dos toques por linha, para que fosse possível calcular o número de caracteres do texto e definir a diagramação, que era feita no *paste-up*, termo em inglês que define a matriz da publicação para produção dos fotolitos que davam origem à chapa de impressão. O verbo *paste* significa colar, como na expressão mais próxima do mundo digital *copy-paste* (o famoso control-C, control-V).

questões de gênero e até o próprio gênero da personagem principal, que alguns leitores afirmam ser menina (ver Anexo 2).

Já na epígrafe, o verso da cantiga de roda que inspira o título do livro introduz o tema e abre uma discussão sobre a violência do Estado brasileiro em relação ao pobre, ao artista, ao negro: “Pai Francisco entrou na roda/Tocando seu violão, dororo-dom-dom/Vem de lá seu delegado/E Pai Francisco foi pra prisão”. No artigo *Músicas infantis e representações sociais: Um descompasso social*, as pesquisadoras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) Juliana Pereira Silva e Sonia da Cunha afirmam que:

Sob a ótica de Melo e Almeida (2013, p. 24160) a música *Pai Francisco* é a “representação social dos marginalizados e excluídos sociais”, enquanto que Seu Delegado representa a lei daqueles que usam da força física e da legitimidade do Estado para manter a ordem e os bons costumes. (SILVA E CUNHA, 2016, p. 253)

As autoras continuam:

É importante ressaltar que as músicas refletem os conceitos de cada época da sociedade, e caso ainda se continue a cantar tais músicas, carregadas de representações de dominação, violência, discriminação, esses valores povoam de maneira determinante as relações sociais. (SILVA E CUNHA, 2016)

A música parece remeter à chamada *Lei da Vadiagem*, decretada em 1941, durante o período do Estado Novo de Getúlio Vargas. A lei oficializa uma perseguição que já vinha de longe. Juridicamente, é uma contravenção prevista no artigo 59 do decreto-lei 3.688. Segundo a lei, ainda em vigor em 2023, vadiagem é “entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita”. A pena vai de 15 dias a três meses.

Pai Francisco é uma cantiga de roda e a origem do personagem parece ser o auto do boi, do Maranhão, ainda hoje presentes nas festividades locais e com manifestações e variações em todo o Brasil, em diversas festas que aludem ao boi. Catirina e Pai Francisco são pessoas escravizadas, e Catirina, grávida, tem desejo de comer língua de boi. Sem alternativa, para satisfazer o desejo da amada e evitar complicações para o bebê, o Pai corta a língua do boi de estimação do dono da fazenda, que fica sangrando para a morte. Desesperado, pede ajuda dos pajés e curandeiros da região, que conseguem revivê-lo. Todos comemoram e assim surge a festa do boi local.

Essa música sempre intrigou a autora. “Eu não era uma criança ativista, nada disso, mas sempre me perguntei por que o Pai Francisco tinha ido pra prisão por tocar violão”, explica. Foi

a partir dessa música que veio a ideia do texto, junto com outras experiências que a autora relata em entrevista (veja Anexo 1). A pesquisadora Vanusa Maria de Melo também ficava intrigada pelo mesmo motivo (veja Anexo 2). As discussões trazidas pelo livro, portanto, vão muito além da especificidade do personagem do Pai.

Os livros para crianças hoje são um veículo para a discussão de questões contemporâneas, como afirmam os pesquisadores Vera Teixeira de Aguiar, João Luís Ceccantini e Alice Áurea Penteadó Martha na coletânea de artigos *Heróis contra a parede – Estudos de literatura infantil e juvenil*. O livro, de 2009, já traz uma série de discussões sobre temas considerados “tabu”, como divórcio, relações homossexuais, violência, suicídio e diversos outros. As questões raciais ainda não estavam tão em pauta nesse momento, e menos ainda a questão do encarceramento em massa, que passou a chamar a atenção de cientistas sociais em anos mais recentes.

Dessa forma, em suas múltiplas camadas para além da questão do encarceramento, o livro abre espaço para temas diversos, como a relação entre pai e filho, a ausência paterna, os marcadores do machismo na sociedade brasileira, a questão racial, a herança colonial e escravista, entre outros. A pesquisadora, professora e doutora em fisioterapia Ana Carolina Basso Schmitt, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, usou o livro em rodas de leitura com graduandos de primeiro ano em fisioterapia para despertar a empatia dos futuros profissionais de saúde em relação a pessoas que eventualmente não fizessem parte de seu rol direto de relacionamentos – no caso, não apenas apenados.

Com um texto poético, uma narrativa visual sofisticada mas acessível, em um projeto gráfico simples mas eficiente, o livro se configura como um livro ilustrado que também traz em si o espírito de seu tempo, ao abrir espaço para a representatividade sem cair em estereótipos, e ainda discutindo temas atuais. Mais do que o público infantil a que estava destinado inicialmente, a trajetória do livro *Pai Francisco* demonstra que foi possível chegar a um público ainda mais amplo e específico.

De qualquer forma, como as crianças recebem *Pai Francisco*? Esse público ainda não teve tanto contato com o livro. Marina Miyazaki conta na entrevista (ver Anexo 1) de sua participação em uma festa literária na cidade de Maringá (PR). A cidade é uma das primeiras a implantar a remição de pena pela leitura (veja Capítulo 2), mas não sabemos como isso afeta a educação escolar. De qualquer forma, as crianças que conversaram com a autora foram preparadas com antecedência, tendo lido todos os livros de sua autoria (ela escreveu também *O medo de rabo preso*, Ed. Scipione). E a conversa foi altamente proveitosa, com perguntas interessadas e muita curiosidade sobre os personagens. Duas crianças viviam pessoalmente o

drama do encarceramento, mas o livro despertou a empatia também de quem não tem contato direto com o assunto. A mediação, no caso, foi fundamental para que o encontro e a troca acontecessem.

Jorge Larrosa, no texto *O enigma da infância*, do livro *Pedagogia Profana*, afirma:

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher. A infância, desse ponto de vista, não é outra coisa senão o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a coisa apreendida por um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e eficazes, ou a usuária de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características ou às suas demandas. Nós sabemos o que são as crianças, ou tentamos saber, e procuramos falar uma língua que as crianças possam entender quando tratamos com elas, nos lugares que organizamos para abrigá-las.

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua.

Talvez as crianças não compreendam a língua dos saberes mais ou menos científicos que tentam defini-la. Mas elas são doutoradas na linguagem do afeto e da empatia.

Capítulo 2

Um livro e seus públicos: a leitura na remição de pena

Muitas iniciativas ligadas à leitura são realizadas diariamente em presídios de todo o País, visando à ressocialização de pessoas encarceradas. Desde 2001, o Plano Nacional de Educação Prisional, estabelecido pela Lei 10.172, “tem como missão fomentar, tecnicamente e financeiramente, a realização do ensino de jovens e adultos dentro das prisões” (LINDEMANN, 2020). No entanto, só em 2011 é que a Lei de Execução Penal nº 7.210/84 foi atualizada e passou a permitir que a educação, e não só o trabalho, pudesse reduzir os dias de pena do condenado.

Alguns juízes, porém, já equiparavam educação e leitura antes e concediam remição de pena tanto pela educação como pela leitura desde a década de 1990 em estados como Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul (LINDEMANN, 2020). No entanto, a possibilidade de remição de pena pela leitura foi oficializada em 2012, por meio da Portaria Conjunta 276 da Justiça Federal e Departamento Penitenciário Nacional (Depen), tendo início no Paraná. Em 2013, a Recomendação nº 44, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), “reconheceu a possibilidade de remição de pena por meio da leitura, ao orientar aos Tribunais que atividades complementares de natureza esportiva, cultural, profissionalizante, de saúde e educacional, dentre outras, sejam consideradas para fins de remição de pena, em interpretação analógica à Lei 12.433 de 2011”, segundo Catia Lindemann, em seu trabalho “Bibliotecas prisionais: da prática bibliotecária à jurisprudência do livro e da leitura atrás das grades”.

A partir de 2021, porém, a leitura também foi considerada passível de remição de pena e uma diretriz mais objetiva foi estabelecida pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Conforme o artigo 5º da resolução nº 391/2021 do CNJ, pessoas privadas de liberdade que comprovem a leitura de qualquer obra literária, independentemente de participação em projetos ou de lista prévia de títulos autorizados, podem reduzir quatro dias de pena mediante envio de relatório (ou desenho ou explanação oral, caso a pessoa seja analfabeta, ou “leia o mundo sem ler as letras”, como preferia Paulo Freire). No prazo de 12 meses, 12 obras efetivamente lidas e avaliadas são consideradas, podendo remir até 48 dias de pena por ano.

A leitura é utilizada em ambientes prisionais há muito tempo como forma de terapia ocupacional, ou seja, para “passar o tempo”, “ocupar a cabeça” (MARTHA, 2009), mas a institucionalização da remição de pena pela leitura vem promovendo mudanças ainda mais profundas nos apenados e no próprio sistema carcerário, como demonstraram alguns de seus agentes no evento *A leitura nos espaços de privação de liberdade – Encontro Nacional de*

*Gestores de Leitura em Ambientes Prisionais*⁸, realizado em outubro de 2023, pelo CNJ, com apoio da Secretaria Nacional de Políticas Penais (Senappen) e do Ministério da Justiça. O evento aconteceu no edifício histórico da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

No painel *Remição de pena pela leitura: Desafios para Executivo e Judiciário*⁹, a pesquisadora Vanusa de Melo, uma das primeiras pessoas a trabalhar com o livro *Pai Francisco* em sua prática (veja entrevista no Anexo 2), mediu uma mesa e apresentou a autora Marina Miyazaki à audiência, afirmando que quem trabalha com literatura em presídios conhece o livro, uma vez que 25 mil exemplares dele foram distribuídos em presídios federais durante os anos de 2020 e 2021, pouco antes da instituição da resolução do CNJ que autorizou a leitura para a remição de pena.

No painel *Projetos de leitura em prisões*¹⁰, no mesmo evento, a policial penal Cynthia Moreno, gerente de educação e cidadania da Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social (Seris) de Alagoas, falou sobre o projeto *Livros que libertam*, que tem a maior média nacional de adesão de presos à leitura, chegando a 3 mil dos 4,6 mil apenados no estado (RODRIGUES, 2023).

No relato, Moreno apresenta o projeto dizendo:

Primeiro agradecer a todos por essa oportunidade de falar do projeto “Livros que libertam”, que foi um projeto construído com vários atores [...], a gente se mobilizou muito para que alcançássemos esse projeto no estado de Alagoas. [...] Até o nome foi construído em conjunto [...] esse nome foi dado porque, não sei nos estados de vocês, mas em Alagoas, quando chega um alvará de soltura, os reeducando falam “a Lili cantou”, e a Lili é a Liberdade. Então, a gente carinhosamente chama o “Livros que libertam” de Lili. (MORENO, 2023)

Em seu relato, a educadora mostra como a mobilização das equipes e do Judiciário do estado de Alagoas foram fundamentais para construir um projeto que realmente se dispõe a implementar e ver funcionar a remição de pena pela leitura. Uma das medidas, por exemplo, foi treinar um reeducando para ser mediador de leitura e considerar seu trabalho – que consiste

⁸ A íntegra do evento está disponível no YouTube, na página do Conselho Nacional de Justiça: <https://www.youtube.com/@cnj>. Acesso em 10 mar 24.

⁹ O painel contou com a participação de Galeno Amorim, ex-diretor da Biblioteca Nacional e atuante em projetos de leitura em presídios, e Liz Rezende, da Corregedoria Geral de Justiça do CNJ. <https://www.youtube.com/watch?v=jC6-P0vhXuY&t=4947s>. Acesso em: 10 mar 24.

¹⁰ O painel pode ser visto no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=jC6-P0vhXuY&t=4947s>, a partir de 1:17:08. Acesso em: 10 mar 24.

também em zelar pelos livros e organizar a biblioteca – passível de remição de pena pelo trabalho.

Esse histórico de leitura nos presídios agora se torna mais potente graças à possibilidade de remição de pena. O estímulo pragmático está atraindo cada vez mais apenados para a leitura, a qual, então, tem a chance de “realizar seu milagre” (palavras minhas). Infelizmente, o impacto que o livro, a leitura e a literatura teriam na infância acaba sendo adiado não só para a vida adulta, mas para uma situação de privação de liberdade, em que finalmente há o tempo ocioso e o estímulo para que essa atividade – que deveria estar presente na vida não só das crianças, mas dos jovens e adultos em geral – seja desenvolvida.

O estado do Paraná foi pioneiro na implantação do programa de remição de pena pela leitura, pois já trazia esse histórico, e a Universidade Estadual de Maringá (UEM) produziu várias bibliografias sobre o assunto. A cidade paranaense tem mais de 400 mil habitantes, e uma unidade prisional modelo, a Colônia Penal Industrial de Maringá, onde os presos produzem “4 mil pães, 25 mil máscaras descartáveis e 300 blocos de concreto. Eles trabalham do nascer ao pôr-do-sol, recebem salário e são preparados diariamente para um novo começo. Não há algemas ou enclausuramento absoluto, mas uma rotina cordial como em qualquer outro trabalho”, como afirma matéria da Agência Paranaense de Notícias (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2023).

Em 2010, a pesquisadora Alice Áurea Penteado Martha publicou o livro *Leituras na prisão: coerência no caos*, em que apresenta o resultado de uma investigação realizada na Penitenciária Estadual de Maringá com leitores em situação de exclusão social. A pesquisa analisou a leitura espontânea dos apenados que frequentavam a biblioteca do presídio, que à época contava com 1.400 obras de vários gêneros.

Na introdução do trabalho, Martha aponta que era um espaço de dimensões reduzidas, onde os presos não podiam ficar para ler, até para não formarem grupos sem supervisão. Mas, para além da aquisição cultural, segundo a autora a leitura “pode permitir-lhes refletir sobre a dignidade humana e sobre o sentido da vida, temas sensíveis a todos que se encontram em espaços de segregação”. Objetivo semelhante é relatado pelas pesquisadoras Mhyrna Boechat e Virgínia Kastrup, no artigo *A experiência com a literatura numa instituição prisional*, trabalho apresentado à divisão de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em sua introdução, as autoras afirmam:

O relato apresenta a discussão a respeito da potência da arte, mais precisamente da Literatura, como fator expansivo de subjetividade na atmosfera de violência e privação

que caracteriza o presídio. Sugere a possibilidade de sua atuação no sentido de promover um desvio em relação ao suposto destino da marginalidade. Discorre sobre como a experiência com a Literatura por internados pode ocasionar microprocessos bifurcadores do determinismo instaurado nesses espaços. O estudo sugere ainda a leitura de textos literários como possibilidade de aprendizagem ética e transformação de si mesmo e do mundo. (BOECHAT E KASTRUP, 2009)

A partir dessas experiências, é possível dizer que a remição de pena pela leitura entrelaça aspectos pedagógicos, artísticos, psicológicos, antropológicos, sociológicos e de terapia ocupacional – que, em última análise, são os processos que a leitura em si desencadeia, independentemente do ambiente em que se desenvolvem. Em espaços de privação de liberdade, considerando-se principalmente o público em questão – homens e mulheres em sua maioria negros, em sua maioria vítimas do processo excludente do capitalismo colonial brasileiro, muitos analfabetos ou com baixa escolaridade – o impacto é ainda maior, e pode ser equiparado à discussão sobre leitura em situações de crise, que é o foco do livro *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*, de Michele Pètit (2010).

Nele, a autora reúne e analisa projetos de leitura em espaços e situações adversos. Segundo a autora, “A ideia de que a leitura pode contribuir para o bem-estar é sem dúvida tão antiga quanto a crença de que pode ser perigosa ou nefasta”. Pètit elenca uma série de experiências de autores e pensadores consagrados que relatam suas experiências pessoais de liberdade a partir da leitura em situações adversas como campos de concentração, guerras, orfandade, prisão, entre outros. Para a autora,

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um “espaço em crise”. Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. (PÈTIT, 2010)

Muitos dos relatos de pessoas mais conhecidas, como escritores renomados, compilados por Pètit eram de pessoas que já tinham o hábito da leitura, influenciados pela família. Mas o livro traz reflexões sobre os estudos que ela e seus colegas pesquisadores desenvolveram em bairros periféricos urbanos principalmente da América do Sul, com a constatação de que:

[...] a experiência da leitura poderia ser aplicável em tais contextos, assim como era possível estendê-la para as gerações mais novas, em geral apresentadas como mais resistentes à cultura escrita que aquelas que as antecederam. Essas pesquisas me

ensinaram, na verdade, que essa experiência não diferia de acordo com a condição social ou com a geração. (PÉTIT, 2010)

Nesses casos, ela relata, “tais processos se davam por meio de apropriações singulares, às vezes até mesmo desviando-se dos textos lidos. Com um senso de descoberta desconcertante, cada um ‘farejava’ o que estava secretamente vinculado com sua própria história nas entrelinhas”. O mesmo acontece no estudo realizado pela psicóloga Mhyrna Boechat no presídio Helio Gomes do Rio de Janeiro. É interessante observar, conforme o estudo, realizado em 2009, que havia a expectativa de que a leitura trouxesse algum tipo de benefício pragmático, como a remição de pena, que só veio a se concretizar mais de dez anos depois.

Apesar dos meus esclarecimentos iniciais quanto à participação na oficina não implicar em benefícios em relação aos pareceres, os internos ignoraram por completo minhas advertências do primeiro encontro. No entanto, a opinião geral sobre o grupo parecia se centrar nos benefícios, na possibilidade de circular pelo presídio e, em último lugar, considerou os efeitos da leitura. Uma interpretação precipitada de seus discursos apontaria para o fracasso dos nossos objetivos iniciais, como uma espécie de injeção de desânimo sobre nossa expectativa a respeito de seus resultados.

Contudo as falas faziam notar o caráter intempestivo da experiência. Se, por um lado, demonstravam a carência de discursos que sustentassem e positivassem a prática da leitura de textos literários, por outro demonstravam acentuado envolvimento afetivo com ela. Pode-se cogitar que os membros mais antigos do grupo, à sua maneira, disseram aos outros internos recém-chegados que a oficina seria uma boa oportunidade e, para isso, apontavam vantagens, mesmo aquelas que eu terminantemente garanti que não lhes daria.

No mesmo encontro, dois deles contaram, revoltados, que um interno roubou um livro “de mil oitocentos e pouco” da biblioteca, levou para a cela e queimou o livro “apenas para fazer uma fogueira”. Como se houvessem presenciado um crime, descreviam e reprovavam a maneira como o homem desfolhou as páginas do livro para queimá-las uma a uma: “A gente não podia fazer nada”. Também podíamos notar o cuidado com os livros quando alguns participantes devolviam-nos reparados por eles mesmos, com material do colégio.

Os enredos das histórias passavam à posição de tema central nas discussões com outros companheiros dentro das galerias. Elementos dos contos confundiam-se com os de sonhos, a exemplo do interno que, indignado com a possível infidelidade da personagem do conto de Maupassant, chegou a ter pesadelos com essa mesma questão. Entretanto o principal indício do compromisso com a oficina era a própria presença nas atividades. Após o encontro, saíam diretamente da escola para a “gaiola” e lá esperavam serem

levados de volta para a cela. O encontro era realizado na parte da manhã, e os internos aguardavam naquele cubículo imundo até quatro horas sem se alimentar, e ainda sofriam ameaças e provocações. Um interno havia dito que procurava manter-se afastado da escola para “evitar confusões”, porque a saída da cela expunha a contatos e consequentes riscos. Todos concordavam que frequentar a oficina era arriscado. Além disso, a postura de concentração e envolvimento não parecia em nada com uma simples atitude de evadir de suas celas apenas para “passar o tempo”. (BOECHAT E KASTRUP, 2009)

Além de acessar memórias e fazer inferências relacionadas à própria vivência, a experiência da leitura compartilhada – que é o que acontece nos projetos de remição de pena pela leitura, que acabam criando grupos em que a confiança se estabelece entre os participantes, como grupos de terapia em grupo – os aspectos psicológicos e pedagógicos são acessados, e a leitura se comprova um veículo agregador, socializante, libertador, segundo Michelle Pètit. É nesse tipo de situação que, como acontece em Alagoas, “a Lili canta”.

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior e, por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos. Para que pedaços inteiros do que vivemos não fiquem incrustados em zonas mortas do nosso ser. De outra forma, não temos condição de fazê-lo. (PÈTIT, 2010)

A leitura não é suficiente para isso, diz a autora, pois precisamos também de vínculos sociais, amor, amizade, projetos. Mas em ambientes em que a confiança é rara, os grupos de leitura proporcionam esses vínculos. E tudo se desenvolve a partir das histórias, já que, segundo Pètit:

Mitos, contos, lendas, poesias, peças de teatro, romances que retratam as paixões humanas, os desejos e os medos ensinam às crianças, aos adolescentes, aos adultos também, não pelo raciocínio, mas por meio de uma decifração inconsciente, que aquilo que os assusta pertence a todos. (PÈTIT, 2010)

Em seu trabalho no sistema prisional de Maringá, contemporâneo à publicação de *A arte de ler* no Brasil, a pesquisadora Áurea Martha, explica o contexto do trabalho que desenvolveu:

Assim, ao focar um grupo de leitores diferenciados, presidiários, procuramos considerar a situação precária desses sujeitos e suas leituras, observando, especialmente, se quando o indivíduo vive em situação de exílio na sociedade, por diferentes motivos e

formas, a leitura pode vir a ser um dos fatores de resistência ao processo de exclusão e de construção de seu direito de cidadania. (2010)

Martha cita o ensaio “A leitura como direito humano”, do pensador Antonio Candido, que nos remete de volta à discussão do que sejam direitos humanos. Nas palavras de Candido, A literatura tem três funções: psicológica, formadora e integradora. Psicológica: todo ser humano tem necessidade de ficção e fantasia. Formadora: literatura, como a vida, forma integralmente o homem, sem ligação com a pedagogia tradicional, com valores morais, políticos ou ideológicos. Integradora: por meio da literatura, o homem pode chegar ao conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca, humanizando-se, na acepção mais ampla da palavra.

Daí sai uma definição mais poética e ética de direitos humanos: “aquilo que consideramos essencial para nós e para os nossos deve ser também indispensável para o próximo”. Esse é o impacto que o livro *Pai Francisco* vem causando nos projetos em que é trabalhado.

***Pai Francisco* afetando seus leitores**

Durante o ano de 2017, recebemos vários pedidos de cotação do livro *Pai Francisco* por parte de distribuidoras. Nenhuma dizia exatamente a que pregão se referia, mas soubemos que o livro havia sido selecionado por algum edital. Só em 2019, já eleito o governo Jair Bolsonaro, é que o pregão foi efetivado e fomos comunicados de que o Ministério da Justiça compraria 25 mil exemplares do livro para um programa de bibliotecas prisionais.

A tiragem inicial do livro, em 2015, foi de 1.500 exemplares e até aquele momento não tínhamos vendido muito mais do que a metade. Esses processos licitatórios do poder público para aquisição de livros em geral acontecem por parte de Secretarias de Educação, para alunos do ensino público e bibliotecas. Muitas vezes, são feitos chamamentos, enviamos exemplares de amostra, há um processo de seleção, mas a compra nunca se efetiva.

Nunca nos empolgamos com os primeiros pedidos de cotação por isso: não acreditávamos que a licitação se concretizasse. O fato de a licitação ter sido concluída em 2019, já no governo de Jair Bolsonaro, nos deixou perplexos. A produção e a distribuição aconteceram entre 2020 e 2021, conforme a Fig. 6, a seguir.

Fig. 6: Distribuição dos livros adquiridos pelo processo 08016.002824/2019-75, de 2020

UF	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4		Item 5	Item 6	Item 7	Item 8		Item 9	Item 10	Item 11		Item 12	TOTAL / ESTADO
	Crime e Castigo	A Cor Púrpura	A Hora da Estrela	Vidas Secas	Capitães da Areia	O Cortiço	Dom Casmurro	Prisioneiras	A Volta ao Mundo em 80 Dias	O Homem que calculava	Invisíveis Marias - Histórias além das quatro paredes	Pai Francisco				
AC	230	230	230	230	230	230	230	230	230	230	230	230	230	230	230	2760
AL	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	320	3840
AM	0	345	345	340	340	340	340	340	140	140	140	340	140	340	340	3150
AP	140	140	100	140	110	120	90	120	90	90	90	80	90	80	90	1310
BA	440	440	440	440	440	440	440	440	440	440	440	440	440	440	440	5280
CE	380	380	380	380	380	380	380	380	380	380	380	380	380	380	380	4560
DF	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	300	3600
DFBRA	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	240
ES	25	310	310	310	75	310	310	0	125	310	25	310	310	310	310	2420
GO	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	2798	33576
MA	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	1320	15840
MG	830	3460	3460	780	780	2680	2680	3460	740	740	3460	2680	2680	2680	2680	25750
MS	675	575	580	625	575	660	625	615	600	545	620	625	625	625	625	7320
MT	1250	1210	1210	1250	1250	1250	1210	1210	1250	1250	1210	1210	1210	1210	1210	14760
PA	750	750	750	750	750	750	750	750	750	750	750	750	750	750	750	9000
PB	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	1380	16560
PE	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	1070	12840
PI	490	490	490	490	490	490	490	490	490	490	490	490	490	490	490	5880
PR	1090	1260	1260	1260	1260	1080	1090	1260	760	1260	1090	1260	1090	1260	1090	13930
PFMAT	0	20	0	20	20	20	0	20	0	0	0	0	0	0	0	100
PFCEG	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	80
RJ	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	1780	21360
RN	545	545	545	500	545	545	545	545	545	545	545	545	545	545	545	6495
PFMOS	20	20	20	0	20	20	0	20	20	20	20	20	20	20	0	180
RO	650	650	650	650	650	650	650	650	650	650	650	650	650	650	650	7800
PFPPV	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	240
RR	140	140	140	140	140	140	140	140	140	140	140	140	140	140	140	1680
RS	480	260	380	260	260	450	450	490	490	260	460	450	450	450	450	4690
SC	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	1700	20400
SE	260	260	260	260	260	260	260	260	260	260	260	260	260	260	260	3120
SP	3718	3627	3620	3756	3722	3647	3615	3468	3389	3662	3464	3615	3615	3615	3615	43303
TO	130	20	90	160	40	100	20	0	20	20	80	20	20	20	700	700
TOTAL	22.951	25.840	25.968	23.449	23.065	25.290	25.043	25.396	22.717	22.590	25.412	25.043	25.043	25.043	25.043	292764

Fig. 6: O edital adquiriu 12 títulos, 11 deles de literatura adulta. No quadro, à esquerda, os estados da federação e em seguida as respectivas quantidades de cada título

Quando o pregão foi realizado e a compra se efetivou, a assinatura final do documento foi feita pelo então ministro da Justiça Sergio Moro. Natural de Maringá, cidade precursora no movimento de remição de pena e nos estudos de literatura aplicada à remição de pena, eu me pergunto se ele pessoalmente conhece o livro. Ou se apenas foi uma peça do destino que nosso “livrinho”¹¹, que se pretende subversivo, tenha sido usado nesse contexto justamente no pior governo do País neste século.

Desde que os livros começaram a chegar às penitenciárias, fomos começando a receber feedbacks por parte dos leitores. Em dezembro de 2023, quando este trabalho já estava em curso, o jornal televisivo RJTV, em sua edição do meio-dia, na Rede Globo, apresentou uma reportagem sobre remição de pena pela leitura em que o livro *Pai Francisco* aparece com destaque. Na matéria, um dos entrevistados é o apenado Luiz Carlos Saião, que fala sobre como a família é afetada e tem sua rotina modificada com o encarceramento do pai. Saião tem um filho de dois anos e meio, que sabe da condição do pai. E pensar nessa situação leva o pai às lágrimas na TV.

Outro apenado lê o livro na matéria, destacando a forma como *Pai Francisco* aborda a rotina do filho e sua inquietação com a situação do encarceramento do pai. A matéria é resultado

¹¹ Uso o termo livrinho aqui entre aspas, porque os diminutivos são motivo de crítica quando se referem à literatura para a infância. Em geral, a criança é tratada com condescendência e o diminutivo expressa essa forma de tratamento.

do programa *Ler: Leitura, existência e resistência*, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do qual Vanusa Maria de Melo faz parte. O projeto acontece no presídio Evaristo de Moraes, no Rio de Janeiro.

Em sua ida à cidade em outubro de 2023, para acompanhar o seminário “A leitura nos espaços de privação de liberdade – Encontro Nacional de Gestores de Leitura em Ambientes Prisionais”, realizado na Biblioteca Nacional, a autora Marina Miyazaki também teve a oportunidade de ir ao presídio e conversar diretamente com os apenados sobre o livro. Na entrevista (veja Anexo 1), ela conta que conheceu alguns dos entrevistados da reportagem, realizada dois meses depois. E da sensação de “dever cumprido” que esse resultado lhe causou.

É a mesma sensação que tenho. Cada vez mais, ver o livro causando impacto em seus leitores, provocando reflexões e mudança, é um objetivo profissional e empresarial. Vender muito também pode ser um bom resultado e causar impacto. Mas não necessariamente.

Conclusão

Um tema em ascensão, uma discussão que o Brasil precisa fazer

Pai Francisco se tornou um marco no catálogo da Editora Jandaíra porque, de alguma forma cumpriu, de ponta a ponta, o que considero o ciclo editorial virtuoso. Pensado como um produto de nicho, encontrou e ampliou seu público e impactou vidas. Durante a escrita deste trabalho, pude refletir sobre esse processo e percebi o quanto essa trajetória é o que almejo como propósito de vida. Como diz a autora Marina Miyazaki na entrevista (Anexo 1), “agora já posso morrer”.

Os livros são mais do que livros. São produtos, é certo, mas são muito mais do que isso. Por sermos uma editora pequena, cada livro que fazemos é muito refletido e muito afinado com um propósito. Cada livro que não vende, além de causar prejuízo, ainda é uma promessa não cumprida, com seu autor ou autora e com seu próprio propósito de provocação e discussão de temas que precisam ser abordados no Brasil.

Quando analiso a trajetória de *Pai Francisco* e recebo os feedbacks de leitores em privação de liberdade afetados pelo livro, acredito que, nesse caso, o ciclo se cumpriu. Não é possível pensar em literatura sem pensar na mudança que pode provocar nos leitores, como tantas pesquisas já demonstraram. Pois a literatura é um direito humano, porque humanizadora e legitimadora dos sonhos, como diz Antonio Candido.

Minha experiência com leitura e pessoas em privação de liberdade não começou com *Pai Francisco*. Em 2010, uma amiga xamã oferecia sessões de meditação guiada por tambor em um presídio feminino na Zona Norte de São Paulo. Fui com ela uma vez e acompanhei a sessão de meditação, que também foi marcada por apresentações musicais das próprias detentas, em sua maioria estrangeiras presas por tráfico de drogas. Além do exílio social provocado pelo afastamento prisional, elas também eram exiladas territoriais.

A experiência foi forte demais. Os cantos, em várias línguas, a carência afetiva minimizada com aquela possibilidade de encontros e abraços, as histórias. Eu também saí dali profundamente mexida. Logo em seguida embarquei para Buenos Aires, onde passei um mês para fazer um curso de roteiro cinematográfico. Ao chegar, deixei minhas bagagens no apartamento em que moraria por aquele período e saí para explorar o entorno. Logo deparei com um espaço grafitado, com “cara de ONG”. Pensei comigo: “Esse lugar parece interessante, tenho que tomar cuidado senão acabo arranjando um emprego durante as férias”.

No fim de semana, comprei o jornal e o caderno de cultura anunciava a projeção de um documentário sobre a gravação do CD de uma banda local que tinha usado o serviço de

serigrafia de um projeto social com mulheres egressas do sistema prisional para a criação da capa. O filme seria exibido no Museu de Arte Latino-americana (Malba). O projeto? Era o espaço com cara de ONG, do lado do meu apartamento em Palermo. Era uma oficina profissionalizante que procurava desenvolver habilidades profissionais nas egressas, mas que tinha começado com a oficina de poesia e livros *cartoneros*¹² no presídio chamada *Yo no fui*.

No dia seguinte, fui até o espaço. A responsável pela oficina não estava e só consegui que ela tomasse um café comigo na última semana da minha estadia. Ela me contou sobre o projeto e sobre a necessidade que tiveram de criar esse espaço na cidade para acolher as mulheres e a vida real que se apresentava depois do cárcere, porque muitas delas não tinham mais qualquer referência na cidade e acabavam buscando ajuda com as mediadoras da oficina de escrita, às vezes a única conexão que tinham com o mundo externo. O espaço oferecia formação em costura e serigrafia como possíveis fontes de renda para a vida em liberdade.

A responsável pelo projeto me convidou para um sarau em uma galeria de arte perto de onde eu estava, em que haveria apresentação de poetas e músicos e também a venda dos livros *cartoneros*. O evento foi riquíssimo, com a participação de vários artistas locais, incluindo a artista plástica Martha Minujín, reconhecida internacionalmente, cuja exposição eu já tinha visto no Malba. E que está em cartaz na Pinacoteca de São Paulo exatamente no momento em que escrevo este texto, no início de 2024, quando revi e toda essa lembrança voltou. No Malba também participei, nesse mês de férias para estudo, de um curso de história da arte de mulheres, que foi o embrião do catálogo feminista que eu viria a criar na editora três anos depois.

Todo esse processo me trouxe um olhar para o tema do encarceramento e hoje alguns livros sobre o assunto fazem parte do catálogo. Lançamos em 2019 a reedição de *Encarceramento em massa*, de Juliana Borges, dentro da Coleção Feminismos Plurais (coordenada por Djamila Ribeiro), que aborda a questão carcerária pelo viés do racismo. No fim de 2019, publicamos a dissertação de mestrado de Carla Akotirene apresentada ao curso de Assistência Social da Universidade Federal da Bahia, *Ó pai prezada: racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas*, e *Justiça e letalidade policial*, de Poliana Ferreira, dissertação de mestrado apresentada ao curso de Direito da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.

¹² Os chamados livros *cartoneros* são livros artesanais, impressos ou escritos à mão, e encadernados manualmente, com capas feitas de papelão reciclado. O Movimento Cartonero surgiu justamente na Argentina, a partir de 2003. <https://elpais.com/argentina/2023-04-01/eloisa-cartonera-la-editorial-argentina-que-florece-en-la-basura.html>. Acesso em: 10 mar 2024.

Novos livros sobre o mesmo assunto

Outras editoras também publicaram obras que de alguma maneira abordam o assunto do encarceramento em livros ilustrados. No livro *A melhor mãe do mundo* (Companhia das Letrinhas, 2022), a autora Nina Rizzi conta a história de um passarinho cuja mãe está presa. As ilustrações são de Veronica Scarpelli. A estrutura é semelhante à de *Pai Francisco*, mas no caso é a mãe quem está em privação de liberdade. E a editora Pallas lançou em 2023 *Milo imagina o mundo*, de Matt de la Peña, com ilustrações de Christian Robinson, traduzido do inglês. No livro, um garoto está indo visitar o pai na prisão e faz um percurso de trem até o local. Durante a viagem, observa os passageiros e faz inferências sobre eles, sem saber que o menino à sua frente está indo para o mesmo destino.

Em paralelo a essa discussão, ao longo dos dez anos em que a editora existe, vimos as discussões sobre raça, classe e gênero aumentarem exponencialmente. Nesse período, feminismo, antirracismo, capacitismo, gordofobia passaram a figurar em nosso catálogo e, aos poucos, em catálogos de grandes editoras estabelecidas e de novas também. Nenhuma dessas discussões é exatamente nova, nem a sobre encarceramento, que há mais de 20 anos é uma das bandeiras da ativista Angela Davis em seu livro *Estarão as prisões obsoletas?*

Sabemos que a resposta para a pergunta de Davis é sim. No mundo inteiro como “espaço em crise”, como define Michelle Pétit, marcado pela “aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem segundo o lugar onde vivem” há pouco espaço e tempo para a fruição da leitura. É o que acontece também com os refugiados, em número cada vez maior em todo o mundo. Mas talvez seja justamente a leitura e a literatura a melhor forma de enfrentarmos essa crise:

[...] tais crises se manifestam em transtornos semelhantes. Vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises os confinam em um tempo imediato – sem projeto, sem futuro –, em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si e a autoestima. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em nosso psiquismo, como disse René Kaës, uma ‘crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração’. (PÉTIT, 2010)

Apesar de as pesquisas demonstrarem que o hábito da leitura se forma em casa, e é reforçado pela escola, Pètit em suas pesquisas constatou que a leitura em locais de crise levava ao trabalho de pensar, de devaneio, evadindo muitas vezes o livro lido em si, com associações inesperadas e conexões inusitadas. Foi na América Latina que ela encontrou a maioria dos projetos, especialmente na Colômbia, onde o domínio do tráfico de drogas e das guerrilhas provocou gerações de pessoas traumatizadas.

Hoje as discussões identitárias, tão presentes no catálogo da Editora Jandaíra, procuram descolonizar o pensamento forjado à custa de anos de colonização e escravização. Nesse contexto, todos os espaços de privação de liberdade – sejam físicos, sejam mentais – precisam ser provocados à reflexão. E isso acontece a partir dos temas propostos, mas também da forma e do alcance que conseguimos atingir. *Pai Francisco* é o principal caso, mas não é o único. É, sem dúvida, o que nos faz continuar.

O escritor e pesquisador André Gravatá diz que poesia não é para almas elevadas, e sim para almas levadas. Só quando ela chega a essas almas, eu completo, ficamos de alma lavada.

Referências bibliográficas

Livros

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: Uma nova outra história**. Curitiba: Pucpress, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. **Leituras na prisão: coerência no caos**. Maringá: Eduem, 2011.

PÈTIT, Michele. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

Artigos científicos

BOECHAT, Mhyrna; KASTRUP, Virgínia. A experiência com a literatura numa instituição prisional. Divisão de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2009. [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n3/v15n3a03.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n3/v15n3a03.pdf). Acesso em: 10 mar. 2024.

LACERDA, Gustavo Haiden. A paternidade encarcerada a partir do relato filial: uma leitura de Pai Francisco, de Marina Miyazaki Araujo. **Revista Água Viva**, v. 4, nº 3, set./dez. 2019. Universidade de Brasília. <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/26162/25772>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LINDEMANN, Catia. Bibliotecas prisionais: da prática bibliotecária à jurisprudência do livro e da leitura atrás das grades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 16, p. 1-27, 2020.

SILVA, Juliana Pereira; URT, Sonia da Cunha. Músicas infantis e representações sociais: Um descompasso social. **Revista Teias**, v. 17, n. 45, abr./jun. 2016: Drogas, Medicalização e Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24606>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Mídia digital

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/populacao-negra-encarcerada-atinge-maior-patamar-da-serie-historica>

<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/lei-da-vadiagem-e-raramente-aplicada-mas-ainda-persiste-no-pais/2365554>

<https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Noticia/Voce-sabe-o-que-e-remicao-de-pena-por-meio-de-atividades-de-leitura-na-prisao#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20CNJ,at%C3%A9%2048%20dias%20por%20ano.>

<https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Unidades-de-Foz-do-Iguacu-batem-recorde-de-participantes-no-programa-de-remicao-pela#:~:text=O%20Paran%C3%A1%20foi%20o%20pioneiro,quesitos%20para%20alcan%C3%A7ar%20o%20benef%C3%ADcio.>

<https://bionaldealagoas.com.br/projeto-de-leitura-da-seris-atinge-quase-70-da-populacao-carceraria-de-alagoas/>

Matérias jornalísticas e artigos sobre o livro

<https://www.to.gov.br/secom/noticias/seciju-recebe-doacao-de-obras-literarias-para-contribuir-com-projeto-de-remicao-de-pena-pela-leitura-nas-unidades-do-estado/30vyxcq1ykn3>

<https://auniaio.pb.gov.br/noticias/cadernoparaiba/uma-nova-chance-a-libertacao-por-meio-da-leitura>

<https://www.brincandoecontando.com/single-post/2018/08/09/pai-francisco>

<https://www.didigalvao.com.br/remicao-de-pena-pela-leitura-reune-detentos-do-presidio-de-santa-cruz/>

<https://m.folha.uol.com.br/folhinha/2015/09/1686444-em-livro-autora-aborda-relacao-delicada-ente-um-filho-e-seu-pai-detento.shtml>

<https://www.coletivoleitor.com.br/medo-vulnerabilidade-e-empatia/>

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/projeto-da-ufrj-da-chance-de-ressocializacao-pelo-aprendizado-12220722.ghtml?fbclid=PAAab2TmpNw8vROcW6G-ck2h90N8xfNqVRYNZKZOvPT6lq90bL9kqefJ-p40>

Anexo 1

Diálogo com a autora Marina Miyazaki Araujo

Realizado por videoconferência em 13/01/2024

Lizandra Magon de Almeida: De onde veio a ideia de escrever sobre esse tema e qual a sua familiaridade com esse assunto?

Marina Miyazaki Araujo: Bom, eu... faz tanto tempo... O livro, antes de chegar para você, já existia escrito fazia muitos anos, como vários textos meus. Mas, assim, além da cantiga de roda que me incomodava quando era criança – não que eu fosse uma criancinha ativista, nada disso – mas eu só queria saber o motivo do pai Francisco ter sido preso, sendo que ele estava tocando violão. Isso foi uma coisa que veio na minha memória depois. Comecei a pensar na música, e também do Chico Buarque, né? A do velho Francisco, porque aquela música também me emociona tanto quanto, porque vai falando de uma história que você não sabe realmente como que é o passado dele, quanto que é a coisa de ele está senil, né, de tudo que ele diz ali, aí eu fiquei ligando nossa Francisco, Francisco e também porque eu conheci uma pessoa que ela que fazia essas visitas todo mês pro irmão dela, ela adulta, ia lá no Carandiru [veja a letra no fim desta transcrição]. Então ela fazia todo esse processo de comprar as coisas para levar e tudo mais, então acho que foi reunindo isso, fora que o Chico também, no programa de tuberculose, atende os PPL [pessoas privadas de liberdade].

LMA: Chico é seu marido, médico, não é isso?

MMA: Sim. Ele trabalha com tuberculose num centro de referência ali. E na Baixada Santista também ele que coordenava o programa de tuberculose, então sempre atendeu essa população do cárcere, e até hoje ele atende. Então são pessoas que vão lá depois, com a família, e levam presentes. Depois que sai, muitas vezes os egressos do sistema vão lá com a família, querem apresentar para ele, leva um presente. Então acho que foi uma reunião de todas essas coisas que acabei fazendo. Um dia, cantando a música para as crianças, eu anotei umas coisas e fui escrever isso, mas foi uma coisa bem simples, sem pretensão. Nunca imaginei que fosse chegar aonde chegou, e é por isso que me emociono. Até te falei esse negócio aí, quando aconteceu, você está gravando, mas isso é cá pra nós, não precisa colocar, mas eu pensei: que bom, eu já posso morrer.

LMA: [risos] Eu vou colocar.

MMA: [risos] Eu fui lá no presídio, tudo aquilo que eu vivi ali, escutei ali, eu falei, “olha, gente, não precisa mais nada, era isso”. Porque você escutar aquela entrevista lá que você me mandou, que a Vanusa mandou, da matéria da Globo lá do Rio¹³, aquelas pessoas que falam são as pessoas que conversaram comigo, que disseram “foi o primeiro livro que eu li na vida, né? E agora eu estou no terceiro, e eu escolhi porque era fininho, mas me encantou, esse livro me deixou no chão”. E o outro que falou que quando saísse ia lá... Isso daí que eu falo: o que que eu preciso mais? Mais nada. Sabe que isso me tranquilizou? [risos] Você acredita?

LMA: Eu acredito, às vezes eu penso isso também. Às vezes quando estou meio em desespero, eu vejo minha conta bancária eu também penso: eu já posso morrer. Olha o tanto de coisas que eu fiz já.

MMA: Eu falei assim: “Nossa, eu preciso falar disso com a Lizandra, porque foi uma das pessoas que abriu o caminho, que me abriu a possibilidade, que me abriu a oportunidade de

13 https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/projeto-da-ufri-da-chance-de-ressocializacao-pelo-aprendizado-12220722.ghtml?fbclid=PAAb2TnpNw_8vROcW6G-ck2h90N8xfNqVRYNZKZOvPT6lq90bL9kqefJ-p40. Acesso em 14 jan. 2024

enxergar alguma coisa ali que não era só aquele amontoado de coisa escrita, porque eu escrevo muito confuso, né?” Como o *Dislexicando*. Jamais que eu pensei que alguém fosse publicar o *Dislexicando*, pelo amor de Deus, imagina. O livro até hoje assusta, imagina há um tempo, quando ninguém falava do assunto. Me faltava bastante coragem, que o Tony [de Marco, ilustrador do *Dislexicando*] também acabou me empurrando um pouco, então tudo isso, e aí quando eu me vi ali naquele lugar eu fiquei emocionada com... Quem ia imaginar que esse livro ia chegar aqui? Porque não é outro lugar, é ali que ele tinha...

LMA: Acho que isso é uma coisa que eu estava pensando muito, acho que isso é uma reflexão que... Aí até falei com as coordenadoras quinta-feira à noite, que a gente teve atendimento, eu estava pensando justamente isso, quer dizer, quando a gente pensou no livro e quando a gente desenvolveu, a gente ainda achava que ele era um livro pra criança, né? Quer dizer, hoje ele está dentro dessa categoria de livro ilustrado, que a gente trabalha, que eu estou estudando e tudo mais, mas a gente pensava muito. E para mim, que sou uma pessoa meio rígida às vezes, em algumas coisas, eu pensava: “Bom, que criança será que vai ser essa que vai ler esse livro?” Claro que a gente pensa: “Seria muito melhor para o pai, para essa pessoa que é o pai Francisco”, mas a gente estava fazendo o livro pensando em crianças, e daí como é que a gente ia chegar, isso a gente não pensou... [risos] que criança que ia ler, como é que ia ser. Aí quando a gente começou a ver a reação dos pais nas feiras, quando a gente falava sobre o tema e tudo mais, todo mundo tinha uma rejeição, né? “Ah, não, isso daqui não preciso levar para minha criança, porque não tenho nada a ver com isso, né? Não tô nesse lugar”. Mas depois a gente começou a ver os adultos usando o livro até em outros contextos que não necessariamente o da remição, até essa minha amiga que é professora dos alunos que acabam de entrar na Faculdade de Medicina da USP, e que ela levava o *Pai Francisco* para eles lerem antes eles começaram a fazer as visitas no SUS.

MMA: Quando lá em 96, sei lá, quando começou a história dos blogs, ninguém tinha quase blog e tal, que eu fiz o blog anônimo, era texto infantil para adultos, que era o subtítulo, na verdade era Criancinhas o blogspot, era blogspot ponto isso, ponto aquilo, o subtítulo era “textos infantis para adultos”, porque na verdade é jogar um verde, um disfarce, é o adulto que vai ler, vai comprar, então era isso que eu pretendia fazer, né? Mas não esperava que fosse acontecer mesmo, tanto que eu fazia aquele blog anônimo, fiquei bastante tempo fazendo.

LMA: E quando você escreveu, e mesmo, vamos dizer, depois que a gente conversou sobre a possibilidade de publicação e tal, como você idealizava, como é que você imaginava, você tinha alguma ideia de como isso se transformaria num livro? Você tinha alguma ideia, algum pensamento de como seria um personagem ou de como é que a história poderia se estruturar dessa forma como livro?

MMA: O que eu sempre penso quando estou escrevendo uma coisa é na ilustração. Porque tem muitas ilustrações que eu vejo que eu falo, nossa, a ilustração acaba... não é roubando a cena, não é isso... acaba sendo muito literal ou entrega muito, não deixa para criança ou para adulto, seja lá o que for, quem tá lendo, não deixa a pessoa imaginar o personagem. Parece que já entrega, tudo, tudo, tudo. Está tudo feito ali. E a minha preocupação também era com a cor das pessoas do livro, né? E que não fosse ficar dramático, que não fosse ficar assim “a criança, coitadinha”, coisa que eu não gosto de fazer no livro é colocar a criança com uma bobinha, tadinho, que pode ser um livro uma fala infantil, ingênua, mas não é tratando a criança como uma criança bobinha ou coitada que não consegue dar conta de resolver seus problemas. Eu acho que é o contrário, a criança consegue resolver, a gente que não deixa, né? Nós é que não deixamos e achamos que temos que fazer uma coisa mirabolante, quando vai

ver já, né? Que é coisa do menino que mandou um e-mail, que a tia mandou e-mail falando da bicicleta. Que ele ficou esperando o pai para ensinar a andar de bicicleta...

LMA: Conta a história do começo para a gente registrar aqui.

MMA: É que é assim: logo que a gente lançou o livro, uma tia de um menino, mais ou menos da idade do menino do livro, não sei que idade que tem, uns 8 ou 9 anos, eu acho que ele tinha. Preciso até resgatar esse e-mail. Ela me falou que o sobrinho dela queria falar comigo, porque ele achava que eu tinha escrito o livro porque eu conhecia ele. Que eu devia saber da história dele, que era muito parecido com o que ele vivia, né? Quando a tia acabou de ler ele [disse]: “Nossa, nossa, parece que sou eu sou, acho que ela me conhece”. Só que ele falou assim para ela: “Mas não é a bola no telhado. Comigo, eu fiquei esperando meu pai pra me ensinar andar de bicicleta. E ele demorou muito pra vir”. Demorou muito, então a solução que ele arrumou foi que ele aprendeu sozinho andar de bicicleta, porque daí ele quis mostrar pro pai quando o pai viesse. Então você vê que são recursos que o adulto não consegue fazer isso, porque exige uma... não é maturidade, é uma criatividade...

LMA: Uma criatividade...¹⁴

MMA: Uma criatividade, porque então ele dá um jeito de sair daquilo, imagina! E foi o que eu falei lá com os PPS lá naquele encontro, lá no presídio no Rio¹⁵, porque eles estavam falando de que [o fato de] estarem longe não significa que os filhos esqueceram, que foi isso que ele percebeu no livro. Um deles falou... mas foi muito bonita a fala...

LMA: Isso acho que você vai ter que contar então do começo também, era uma coisa que eu queria perguntar mais pra frente, mas que acho que foi a coisa mais forte, que é o desdobramento maior desse livro, que foi sua a visita a esse presídio no Rio de Janeiro, agora em outubro de 2023, acompanhando o pessoal que faz o programa de remição de pena lá, né?

MMA: Aí você quer que eu continue essa história?

LMA: Continua, pode continuar a história, aí depois você conta pra gente como é que foi a visita e as outras histórias.

MMA: Sim, bom, então quando eu falei sobre como é importante esse vínculo, e que esse vínculo entre a pessoa que está privada de liberdade e o familiar, seja a criança, a mãe, quem for – e não fica só no real, às vezes é importante o que fica no imaginário. Nosso pai, a nossa mãe, não são aquelas pessoas no real, o ideal que a gente sempre sonha. Eles sempre frustram, sempre decepcionam a gente, todo mundo é assim. Aí eu li aquele trechinho do livro e o rapaz depois releu, porque ele falou: “É isso que quando eu li, eu me arrepiei”, quer dizer, “o pai do bem, o pai do mal habitam o mesmo pai”, aquela frase que eu escrevi. Então eu falei que a importância desse menino que falou da bicicleta é o que está no imaginário, não importa o que o pai dele fez para a sociedade, mas o que ele imagina é o que faz com que ele caminhe para a frente. Então esse vínculo é importante independentemente do real, do que está acontecendo, né? Essa é história do menininho, ponto, acabou. O menininho me contou a história da bicicleta, através da tia, que ele esperou o pai para fazer essa surpresa. Quer dizer, então eu não sei o que o pai dele é, mas é essa espera, é esse imaginário, que fez com que ele aprendesse sozinho, então é um caminho que ele toma. Aí quando eu falei desse exemplo lá [no presídio], então um deles também me disse isso, que foi importante de ler meu livro, porque ele percebeu isso, que o filho não está distante necessariamente porque está distante

¹⁴ No livro *Dislexicando*, também publicado pela Editora Jandaíra, a autora apresenta essa palavra, criativo, para se referir à maneira como as crianças pensam e resolvem problemas.

¹⁵ Referência à visita que a autora fez ao presídio Evaristo de Moraes no dia 30 de outubro de 2023.

fisicamente. E que ele pôde entender também quando o filho dele, uma vez que ele saiu, que ele estava solto... porque ele falou que ele tem a vida que só vai e volta, entende, de reincidência, né? Porque ele nunca pensou que ele ia se ver imaginando sair dessa vida. E que o livro fez isso. Não, a gente...

LMA: Aí, pronto, morremos... pronto, vamos comprar nosso jazigo, pronto [risos].

MMA: É tão absurdo a pessoa falar isso e você ficar ali, tipo, nossa, eu não sabia nem o que que eu fazia... Minha reação, porque eu não queria ficar lá chorando que nem uma louca, mas tava difícil. Então ele disse que, em uma das vezes que ele saiu, que o filho dele perguntou para ele: você está com arma, você é polícia? Então que aquilo impactou de forma negativa, porque, para quem está nesse meio, ser comparado com polícia não é uma coisa [boa]. Mas aí ele falou que entendeu que o filho fez aquilo numa ingenuidade, porque ele queria o pai mudando de vida. E você vê, né, parece tão óbvio para a gente que a pergunta foi essa, mas não era para ele naquele momento. E que ele falou que foi lendo o livro que ele viu quanto que é importante esse imaginário e tal, então que por isso que ele queria muito dar um livro de presente para o filho, que quando ele saísse de lá ele iria comprar um livro, levar pra eu dar um autógrafa e dedicar ao filho dele. Essa, entre outras histórias que foi assim... Uma fala mais impactante que a outra, como a do vô que falou que o neto dele não sabe que ele está lá, e que eles não têm coragem de contar para ele, então que seria muito importante esse livro, porque, se ele desse o livro, seria um começo para ele poder contar, porque ele não podia continuar mais falando... A família não podia mais continuar falando que ele tá viajando, viajando. Aí teve também a história de um rapaz de óculos, muito tímido, veio perto e até perguntou se podia se aproximar – porque tem todas essas regras, né, lá dentro – e aí ele falou: “Eu não li seu livro ainda”. Mas ele falou, assim, com o olho cheio d’água. “Eu não li seu livro e não vou ler aqui dentro. Aqui dentro não vou ler, porque faz um ano que eu tô longe do meu filho...” Nossa... [Marina se emociona] E aí ele falou assim: “Como faz um ano que eu tô longe do meu filho, e para mim ele é a coisa mais importante que existe, eu não vou aguentar ler esse livro. Por tudo que eu escuto”. Mas ele falou assim: “Eu escuto muito falar desse livro. Então eu não vou aguentar, eu não tenho estrutura. Então eu queria te pedir desculpa, porque eu não li o livro”. Ai, Lizandra... Foi difícil, porque a gente já precisa ter uma resposta para essas coisas, sabe? Porque era muito fala, ainda até o outro dia falou para mim assim: “O seu livro fala de uma de uma forma ingênua e mostra uma alegria às vezes do menino, mas que não é uma coisa irreal como o filme ‘A vida é bela’¹⁶, ele falou. O filme ‘A vida é bela’ parece assim que: “Ai, que coisa linda, a criança, aquela bobinha que não está percebendo nada, né? E o livro ele é uma criança que não sabe das coisas, mas não é tratada como a criança do filme. Fala da realidade de um sofrimento, mas de uma maneira...

LMA: Tem um artigo que eu li da bibliografia que é de um de pessoal de Maringá, que eu achei pra estudar mais a parte da remição, que faz uma crítica a “O menino do pijama listrado”¹⁷. Também fala que não é possível a realidade passar despercebida, enfim, uma série de coisas que a comunidade judaica reclama desse livro e desse filme porque, enfim, coloca as pessoas num lugar de uma ingenuidade conveniente e que não acontece...

MMA: É! E a criança é a primeira a perceber, porque a parte da linguagem ela não liga muito, ela pode não estar entendendo nada do vocabulário, mas ela percebe no clima, no olhar, tudo ela tá sabendo, ela só não sabe falar disso. Inclusive eu fiz a comparação com meu outro livro, *O medo de rabo preso*, você vê, é um outro tipo de privação de liberdade quando a mãe está na cama doente, né? E que ela usou o recurso do imaginário pra falar assim: “Eu

¹⁶ Filme de 1997 dirigido e protagonizado pelo ator e diretor italiano Roberto Benigni.

¹⁷ Livro de John Boyne, de 2006, adaptado para filme homônimo dirigido por Mark Herman em 2008.

vou estar do seu lado, e nem vai ter parede, porque é da imaginação”. Então, eu quis reafirmar essa coisa do vínculo, da importância de estar valorizando isso, né, porque realmente a dificuldade de quem está longe, ainda sendo malvisto e sabendo que tem um sofrimento, né, a extensão do sofrimento vai todo para a família. E teve o outro que falou que na cela dele muitos não podem participar ou não participam do programa, mas querem ler o livro e muitos leem o livro para quem não sabe ler. Interessante, porque naquele evento que eu fui com a Vanusa [eu vi que] tem muitos presídios que já fazem a remição pela leitura com pessoas que não são alfabetizadas, que é por desenho, bem interessante. Um lê e o outro desenha, e passa por todo o processo de discussão e tal.

LMA: Que faz parte do letramento, né? E o que que você achou da solução que foi dada, do resultado, enfim, do trabalho que a gente desenvolveu pra produzir o livro, da ilustração, mas do conjunto final, da forma que a gente encontrou para fazer as representações?

MMA: Ah, sim, eu acho que o importante do livro, que eu sempre digo, quando eu fui até conversar com as crianças nas escolas, elas perguntam como que é pra fazer um livro, quem que faz, se eu que desenhei, então eu acho que essa discussão que a gente fez antes, embora eu não tivesse experiência nenhuma, ainda não tenho, mas assim sem saber até que ponto eu poderia falar com o Vinícius, até que ponto eu não estaria me intrometendo na arte dele, no trabalho, mas eu acho que foi importante e bom porque a gente pôde se escutar e todo mundo pôde opinar e o Vinícius teve essa sensibilidade de fazer até o menino de outra cor. E nessa caminhada o prato, acho que isso caracteriza bem o livro ilustrado, e o final. E é uma coisa muito interessante que sempre nas rodas alguém pergunta desse final. Naquela que eu participei em Maringá, na FLIM¹⁸, que também me surpreendeu bastante ir para a escola e estar com tudo preparado. Acho que em nenhum evento teve uma preparação da escola tão dedicada, valorizando o livro, como esse que eu fui em Maringá, sabe? Eles tinham feito trabalho na escola, tinham feito roda de conversa, fazia já um mês que eles estavam trabalhando em cima dos meus livros. Então eu cheguei lá, né, e não era assim falando com criança de qualquer idade, como acontece às vezes. Eles põem a gente na escola, mas as crianças não conhecem o livro. Não, ali as crianças conheciam o livro, já tinham feito trabalho, então eles ficaram super emocionados, surpresos, que eu cheguei lá de surpresa. E foi surpresa pra mim também, que eu não sabia que as crianças iam estar tão envolvidas assim. E tinha duas crianças, não sei se eu te falei, uma que tinha um pai que estava cumprindo pena e uma criança que era filha de refugiados. Então ela falou que o pai está longe também e essa pergunta de uma das meninas... Nossa, impressionante, aquela menina até agora emociona, o jeito dela falar. A menininha que tem o pai, uma menina de uns 10 anos... Ela falou: “Eu não sabia que o meu pai estava preso, eles falaram que ele foi fazer uma coisa muito importante, que ele foi viajar e fazer uma coisa muito importante. Só depois – mas é que eu era muito pequena, por isso que eles não me contaram”. E aí falou – e sabe quando fala e fica esperando alguma coisa? Mas aí eu falei assim: “Mas ele foi fazer uma coisa importante. Porque cumprir aquilo que a lei manda é importante. Mesmo que às vezes ele não fez nada errado, às vezes ele não fez nada tão errado, mas ele tinha que fazer isso. Então é muito importante o que ele foi fazer sim, eles não disseram coisa errada para você. E a menina que perguntou sobre o fim do livro. Ela falou assim: “Esse prato está vazio aqui por quê? Porque o pai dele voltou, então ele comeu?” Aí eu falei para ela: “Nossa, olha, é muito difícil alguém reparar nisso”. Mas todas as vezes que eu vou em alguma coisa de crianças eles falam assim: “Vai ter o 2?” [risos]

¹⁸ Feira Literária Internacional de Maringá, realizada em outubro de 2023.

LMA: A Vanusa falou que na discussão lá foi muito bom isso, porque quando a gente pensou o livro eu me lembro que você falou: “Não, a gente vai ter que pôr um prato vazio aí. Porque se a gente deixar a história terminar com o prato da salada cheio, a gente vai estar dizendo que a vida do menino está interrompida e que ele não vai... e a gente está dando um final muito pesado para a história. Porque mal ou bem, de algum jeito, esse menino vai se ressignificar e vai comer a salada. A vida dele vai andar de algum jeito, que nem o outro lá que falou: “Bom, não vou esperar aprender andar de bicicleta, vou mostrar como eu já sei andar de bicicleta”. Então exatamente o prato representava... a gente sempre pensando no imaginário da criança e na forma como a criança estava reagindo a todas as coisas. E aí o apenado que leu o livro com a Vanusa fala: “Porque aqui o cara já tá livre”. Daí ela falou: “Ah, é? Por que você acha que o pai tá livre?” “Ué, porque o menino comeu a salada.”

MMA: Então, é muito lindo isso. É isso que o livro, que eu falo sobre a ilustração... Às vezes eu tenho vontade de me intrometer, porque mas eu tenho que... né? Porque artistas às vezes ficam muito ofendidos com essas coisas. Eu não ligo que a pessoa fale do meu texto, pode falar à vontade, graças a Deus, eu quero mais é que fale. Agora, assim, não entregar tudo, deixar isso, pra pessoa ter o direito de resolver na cabeça dela aquilo, né? É como no “O medo do rabo preso”. A mãe morreu? Não sei, pode ter sido, pode não, pode ter morado junto depois, eu não sei. E o prato é mesma coisa, porque ele foi obedecer a mãe, porque a mãe mandou comer, porque o pai voltou, porque ele amadureceu, né? E aí eu peguei e falei pra eles: “Então, eu não sei. E aí, o que vocês pensaram do prato?” E aí eles ficaram naquela gritaria. É muito bonitinha essa idade de 10, 12 anos é a melhor idade que existe para fazer esse tipo de conversa. Porque eles são muito envolvidos, eles ainda não têm vergonha de perguntar. E porque a primeira coisa que eles perguntam é: quanto você ganha?

LMA: [risos] Fala pra eles: ô rica, tô milionária!

MMA: [risos] Aí eu falo pra eles como é mesmo, é assim que funciona, que dá muito trabalho, que tem quem vende, tem quem faz, tem a gráfica. Mas é muito bonitinho, porque eles não têm filtro ainda, né? De... Foda-se [risos], perguntam o que querem mesmo, é uma graça. Até da roupa: “Ai, que camisa linda, onde você comprou?” É uma idade muito boa. Então são duas experiências que para mim foram marcantes, porque primeiro que com criança é uma coisa muito genuína, né? A criança dessa idade, porque é diferente quando as crianças já leram o livro, é muito enriquecedor.

LMM: Isso é uma coisa importante da gente... Porque se a gente vai analisar friamente – eu tava até falando com a Vanusa – a gente fez uma tiragem do livro inicial de poucos exemplares, 1.500 exemplares, sendo louca ainda... No sentido de que a gente ainda nem tinha se estabelecido ainda, é uma quantidade grande para aquela realidade da gente. Esse livro foi indo, foi indo, vendendo um pouquinho e tal, algumas compras. Aí teve a grande compra do Ministério da Justiça, que foi toda uma tiragem extra que a gente fez à parte. Mas agora que terminou aquela primeira tiragem que a gente fez e que a gente está pensando na nova que a gente vai fazer e reeditar o livro e tal. Então a gente, enfim, fez todo esse trabalho ao longo desse tempo todo e que o grande resultado veio da compra pra adultos, né, quer dizer, pra pessoas apenas. Mas é muito legal a gente saber que ele também funciona, que ele também existe e que ele também está dentro da escola, onde ele também tem seu papel. E independente da classe, porque não foram só as crianças que tinham contato direto com essa situação que se mobilizaram ou que se emocionaram, alguma coisa assim.

MMA: Sim, e outra, porque tem o projeto da PUC Campinas, que tem presídio lá no, meu Deus do céu, esqueci o nome lá da cidade, que é junto Campinas e tem o maior presídio ainda região, de onde a gente tá recebendo monte de original [a cidade é Hortolândia, só lembramos depois]. A professora é a Camila e aí tem a outra moça lá que é o que apresentou o livro pra

Camila e eles trabalham no presídio com as famílias, com as crianças. Então quando as mães vão, eles trabalham com as crianças o livro. Ali é com criança, inclusive ela me mandou vários desenhos da época que as crianças fizeram, né? Não sei, o livro agora deve ter chegado lá de outra forma também, pela questão da doação, né? Do Ministério da Justiça. Mas antes disso ela trabalhava com as crianças filhas dos apenados. Então tem também essa outra visão. E o projeto da Camila, que eles fizeram uma cartilha para as professoras trabalharem o livro. Mas, assim, a Camila é ótima, mas o livro-apostila foi feito pelos estudantes e eu ajudei a dar uma revisada, ainda bem, porque eles queriam colocar como uma das atividades fazer um boneco do Pai Francisco. Aí eu achei que era melhor não, porque para professora fazer isso, eu falei, às vezes você vai encontrar professores que vão fazer um estereótipo, né? Eu contei até de uma matéria uma vez, que eu escrevi um texto para um jornal de não sei que faculdade, nossa, eu caprichei tanto naquele texto e eles colocaram na ilustração uma criança negra atrás da grade. Sabe portão? Sabe um portão que parece grade?

LMA: Nossa, todo o estereótipo que a gente fez de tudo para não ter...

MMA: Eu fiquei... na hora que ela me mandou o jornal eu falei: “meu Deus, meu Deus, meu Deus!” Parece até que eu escolhi, porque junto tem essa imagem e eu assino texto. Eu falei: “Olha, tem como voltar?” Porque já imprimiram o negócio... “Como vocês deixaram passar isso?” Nossa, aquilo lá eu fiquei puta. O molequinho tá preso, parece, entendeu? Então, e aí eu falei para ela: “Então, aí tem pessoas que têm essa compreensão e aí se você deixar uma atividade dessa [na apostila], tem professor que vai fazer um boneco – fora que já elimina o imaginário da criança – e vai pegar no meio professores que muitas vezes não têm essa visão que a gente tem, né, de não querer reforçar um estereótipo. Então ainda bem que deu revisada... Mas teve esse trabalho que foi apresentado por esse pessoal do presídio de Campinas. Que eu me lembre... E tem esses doutorados. A Pamela, que foi com a gente ao presídio lá do Rio, comigo e com o Paulo Tonani, ela tá fazendo doutorado na PUC também e tá citando o *Pai Francisco* também na tese dela. Tá cheio de *Pai Francisco* por aí...

Letra da música citada

O Velho Francisco, de Chico Buarque

*Já gozei de boa vida
Tinha até meu bangalô
Cobertor, comida, roupa lavada
Vida veio e me levou*

*Fui eu mesmo alforriado
Pela mão do Imperador
Tive terra, arado, cavalo e brida
Vida veio e me levou*

*Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco
Vem todo domingo
Tem cheiro de flor*

Quem me vê, vê nem bagaço

*Do que viu, quem me enfrentou
Campeão do mundo em queda de braço
Vida veio e me levou*

*Li jornal, bula e prefácio
Que aprendi sem professor
Frequentei palácio sem fazer feio
Vida veio e me levou*

*Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco
Vem todo domingo
Tem cheiro de flor*

*Eu gerei dezoito filhas
Me tornei navegador
Vice-rei das ilhas da Caraíba
Vida veio e me levou*

*Fechei negócio da China
Desbravei o interior
Possuí mina de prata, jazida
Vida veio e me levou*

*Hoje é dia de visita
Vem aí meu grande amor
Hoje não deram almoço, né
Acho que o moço até nem me lavou*

*Acho que fui deputado
Acho que tudo acabou
Quase que já não me lembro de nada
Vida veio e me levou*

Anexo 2

Diálogo com a pesquisadora Vanusa Maria de Melo, uma das principais divulgadoras do livro
Realizada por vídeo conferência em 13/01/2024

Lizandra Magon de Almeida: Como você descobriu o livro “Pai Francisco”?

Vanusa Maria de Melo: Eu vi a propaganda na internet, nem foi nas redes sociais nem nada. Foi dica de venda de site. E aí eu falei “meu Deus do céu, não acredito que é uma história sobre aquela cantiga de roda da minha infância! Não acredito!” Porque é uma cantiga que mexia comigo, sempre mexeu. Porque eu ficava: “meu Deus do céu, por que é que prenderam o Pai Francisco? Que que ele tava fazendo, coitado? Não é possível, ele tava só tocando o violão dele...” E sempre fiquei pensando isso. No meio da brincadeira de roda, eu ficava pensando: “isso não é bom...” Já tinha uma ativista infantil antiprisional. E aí abri o link, vi a sinopse e era mesmo voltado pra isso. E aí eu comprei o livro pela internet mesmo. Não foi por contato com a editora inicialmente. E eu fiquei muito apaixonada pela ideia, pela iniciativa, por alguém ter tido a iniciativa de pegar aquele incômodo e transformar numa narrativa pra criança. Muito sensível, pensando na própria criança contando a história. Fiquei muito fascinada. Aí eu gostava – gosto ainda, né? Só não tô fazendo porque tô terminando o doutorado – mas eu gosto de falar sobre as coisas que eu leio na internet. Daí coloquei lá e nesse meio tempo eu tava começando a conhecer a Jandaíra. Mas foi antes, né?

LMA: Foi antes, ainda era Pólen.

VMM: Sim, era Pólen. E o livro ainda tá como Pólen o livro, né?

LMA: É, porque apesar de tudo a gente ainda não conseguiu reimprimir a primeira edição. Teve a venda gigantesca para o Ministério que a gente fez quando ainda era Pólen. Agora que a gente vai reimprimir, agora que acabou o primeiro... Porque, dentro dessa discussão que a gente tá tendo, tudo faz parte de que no fundo acaba não sendo um livro que os pais compram para os filhos. Se a gente não tivesse colocado ele nesse lugar ele nunca seria um sucesso de vendas. Porque as pessoas nem enxergam ele como um livro infantil, no caso. A gente tem chamado ele de livro ilustrado. E a gente tem vários nessa linha, que no fundo é pra criança... tem que ser bonito, tem que ser lindo porque fala sobre temas difíceis, mas no fundo é mais para adulto que pra criança.

VMM: É assim que eu falo dele, até. Porque algumas crianças até vão ler e vão curtir, mas que é um livro pra gente, né? Ainda mais quando eu tô falando com o pessoal que tá preso. Então, depois que eu vi o que era, eu comecei a falar dele insistentemente com todo mundo que eu falava sobre remição de pena pela leitura, porque ainda era um momento inicial, a gente tinha aqui no Rio de Janeiro uma lista muito restrita dos livros aprovados na remição de pena pela leitura. Eram 30 livros, bem pouquinho, até tenho que ver minhas anotações. Mas era uma coisa bem sinistra, pouquíssimo. E aí eu falava: “falta tanta coisa, falta narrativa curta, falta poesia... e livro infantojuvenil”. E as pessoas falavam: “infantojuvenil?” “É, livro infantojuvenil, é pra adulto também, é uma categoria que criaram no mundo comercial das editoras, não foi a gente que definiu que era infantojuvenil.” Aí todo mundo concorda, daí eu comecei a dar de presente o Pai Francisco pra um monte de gente e pra galera da remição de pena. E todo mundo se encantou, foi rápido isso. Ao mesmo tempo, em 2019 a gente já começou a interferir na lista. Agora são 301 livros na lista. E tem que aumentar mais ainda, né? Mas é tudo meio lento. Aí inserimos alguns livros infantojuvenis, eu que sugeri alguns, porque a galera não tinha muita vivência com isso e eu já tendo dado a disciplina Literatura Infantojuvenil, e eu gosto, como leitora, presenteio todas as crianças ao meu redor, então acabo conhecendo também. Aí ele entrou e quando a gente recebeu livros do Depem – era o Depem, mas agora não existe mais, virou Secretaria – foi ao mesmo tempo... a gente estava se

movimentando aqui, mas o Depem já tinha feito sua articulação com a editora, né? E adquirido uma quantidade enorme de livros. Então quando eu fui, em setembro de 2022, pra unidade, o livro já tava lá. Aí eu fiquei: “meu Deus!!!” E uma das primeiras coisas que eu falei com o grupo: “olha só, vocês têm uma oportunidade aqui!”. E aí eles também entenderam que como era um livro pequenininho havia uma facilidade ali. Claro, tamanho não é documento, mas, vamo lá, de todo modo é um livro escrito... embora o tema seja cabeludo e possa gerar algumas coisas, é um livro escrito de forma simples sim. Aí muitos quiseram logo ele e outros. Ficou uma polêmica em torno do “Capitães de areia” e também correram pra pegar o “Capitães de areia” também. Então o Depem tinha adquirido pra cada unidade 20 ou 25 exemplares de cada livro. Então foi uma ótima surpresa pra gente e daí o livro começou a ser trabalhado.

LMA: Então vamos voltar pro começo, pra eu perguntar como você começou nessa área e como é o seu trabalho com a remição de pena?

VMM: Então a gente tem que voltar lá atrás, porque eu fui professora da rede estadual de ensino e optei por trabalhar em uma escola, primeiro dentro do sistema socioeducativo e depois dentro do sistema prisional.

LMA: Sua formação de graduação é...

VMM: Letras. Sou formada em Letras pela UERJ. Eu era então professora de Português e Literatura nesse contexto, das escolas especiais – eram assim chamadas – no sistema prisional e socioeducativo. Depois disso virou uma diretoria dentro da Secretaria de Educação. Então eu fiquei de 2007 até 2014. Eu havia começado a fazer pós-graduação e a pós-graduação me colocou em conflito com o fato de eu ser a sujeita ali dentro da... [internet trava e volta]. Então tinha um incômodo que era o fato de as propostas que eu apresentava de trabalhos um pouco mais aprofundados do que o currículo escolar – eu queria fazer cineclube, clube de leitura, oficinas de escrita literária pros alunos – eu ouvia sempre não, nunca podia. “Mas por quê? Eu sou servidora pública, tenho concurso prestado...” Porque eu via as pessoas das ONGs e das igrejas podendo fazer esse trabalho. Então eu vou pedir exoneração e vou aderir a esses projetos aí. Isso não foi rápido, demorou a acontecer e aconteceu através de extensão universitária. Me juntei a dois projetos, um na UERJ, o projeto “Do cárcere à universidade”, que é coordenado pela professora Socorro Calhau. O projeto inicialmente contribuía para que os internos que passavam no vestibular ou no Enem conseguissem fazer o curso. Ver documentação, matrícula, dar um suporte, porque eles, presos, não conseguiam ter nada. E muitos não têm família que consiga dar suporte, correr atrás disso, informação. É muito precário tudo isso. A Secretaria de Administração Penitenciária vai lá, parabeniza, sai no RJ TV e acabou ali. Aí a gente fazia esse papel, de suprir essa lacuna. Aí eu propus nesse projeto que a gente fizesse outras ações. Ao mesmo tempo, a professora Sandra Maciel, na UFF, criou um grupo de estudo da área de educação nos espaços de privação de liberdade e a gente montou coisas lá também. Cursos de extensão, algumas pequenas ações. De fato, a gente só conseguiu entrar em uma unidade – e não foi na prisão, foi no sistema socioeducativo – em julho de 2019. Agora, acompanha comigo: em 2020 acabou, né? Que o mundo deu uma acabadinha e voltou, ressuscitamos. Mas 2020 foi o bicho. Então a gente não pôde mais entrar nas unidades. E justamente nesse período, final de 2019, eu tava já restringindo algumas ações pra poder me dedicar à remição de pena pela leitura. Porque, pensei, são muitas ações e eu preciso dar uma direcionada pra aquilo que eu faço com mais empenho, com mais conhecimento, com mais dedicação, que é o trabalho com literatura porque eu sou formada em Literatura e eu sou leitora e tudo mais, vivo em torno do livro. Aí quem tava fazendo a remição de pena pela leitura na época era a UniRio, com a coordenação do professor Marcelo Santos. A professora Socorro Calhau me apresentou pra ele, eu perguntei se ele me aceitava,

ele disse “claro que sim, venha fazer a remição de pena e também as oficinas que você queria fazer”. Era o que eu queria, né? Mas que oficinas? As de leitura e escrita. Porque é uma das coisas que mais me mobiliza – a possibilidade de escutar e de ler as histórias de quem tá preso; eu gosto muito disso. Aí, 2019, por volta de setembro, outubro, tivemos autorização para entrada nas unidades em novembro, em dezembro começamos, em janeiro a universidade entrou de férias e a gente não pôde permanecer, fevereiro fomos para a unidade, março decreto de isolamento, pandemia, e a gente no fim foi só duas ou três vezes. Então esse tempo de 2020 a 2022 a gente ficou se reunindo, discutindo a lista de livros, formulamos um PL no Rio de Janeiro, o PL da Remição de Pena pela Leitura por meio do mandato da Renata Souza, do Psol. O PL tá ainda em debate, porque os deputados conservadores barraram muita coisa e estragaram muita coisa do documento. Tô achando melhor nem usar mais o PL e ficar com a resolução nacional, que é mais progressista. Aí em 2022 começou a flexibilizar o isolamento aí em setembro de 2022 eu consegui entrar e ficar de vez, a partir de então, em duas unidades prisionais onde eu desenvolvo trabalhos na Baixada Fluminense. Não vou falar o nome, porque são objeto de estudo da minha tese e eu não posso dar nomes reais, porque é uma etnografia. E aí o trabalho começou aí. Uma característica do trabalho que eu desenvolvo é procurar inserir oficinas em meio às atividades administrativas da remição de pena, porque são três atividades por mês, cada ciclo dura um mês. O primeiro encontro é pra escolha dos livros, o segundo encontro é pra conversas sobre o livro e o terceiro para escrita do documento formal que vai permitir que a pessoa tenha 4 dias de redução da pena. Então, eu comecei inserindo oficinas no segundo encontro, e nos outros também. Então a gente tem reservado um tempinho pra rodas de conversa, rodas de comentários, eles começaram a produzir literatura, poesia o tempo todo, então muitas vezes as rodas são com as produções deles próprios, então um interno fundou um clube de leitura nas celas para aqueles que não tinham vaga no programa de remição de pena oficial, então a coisa foi rolando, se desenvolvendo mesmo. Começou assim e tá seguindo até hoje.

LMA: Queria saber como é a recepção do livro pelos apenados? É um livro bem emotivo, né? Então queria saber como é recebido.

VMM: A gente fez roda, fez uma contação. Eu pedi pra um deles pegar o livro e ler quantas vezes precisasse, e contar a história sem o livro. E aí ele se incorporou o contador de história, virou ator, e as pessoas sentadas, olhando, assim, congeladas, vendo ele contar a história foi muito maneiro. A gente fez roda de conversa e de comentário, cada um falava um pouquinho, a gente fez também uma... eu peguei um cartaz com post-its com as palavras que vinham na cabeça deles a partir da leitura. Aí ficou lá, as palavras, na unidade. Eu não posso usar máquina fotográfica lá, senão teria fotografado. Mas eu copiei, se quiser eu passo pra você. São palavras como emoção, arrependimento, culpa tem, tem saudade... tem surpresa, e muitas coisas mais previsíveis, tem muita emoção, tem choro com a leitura. Nas remições de pena eles expressam uma coisa bem subjetiva dizendo que se viram ali, lembraram do próprio filho e o livro fez a pessoa pensar no seu sonho da liberdade pra terminar de criar o filho, então a presença é muito forte. É um livro que não passa batido. Tem outros livros que geram textos burocráticos, né? Não tem muita personalidade na resenha escrita. Esse não. Esse é um livro basicamente, do início ao fim, escrito com a expressão pessoal deles.

LMA: E aí você consegue ver até um estilo, vamos dizer assim, né? Digo isso porque, quando vê com gente que não tá acostumada – isso eu tô pensando agora, tá? – mas com gente que não tá acostumada a escrever, como a escrita é uma coisa solene. Então as pessoas em geral quando vão escrever sobre um assunto que não dominam ou quando não estão tomadas pela emoção em geral elas têm uma linguagem mais distante, ficam tentando elaborar, complicar o vocabulário...

VMM: Tudo muito cheio de ademais e outrossim... [risos] Aí eu sempre falo: esquece isso! Isso só no Enem, aqui não precisa. Bota as palavras que vêm de você. Aí vai melhorando. Mas, sim, quando é um texto que não se comunicam com a pessoa naquilo que ela é e que ela sente então não toca de verdade, não tem como isso acontecer com o *Pai Francisco*. Sempre tem, em cem por cento dos textos e das rodas de conversa muita coisa pessoal pra eles dizerem.

LMA: E eles têm um olhar também para a parte imagética, para as ilustrações? Como eles recebem isso?

VMM: Uma das coisas que rolou mais interessantes foi por conta da ilustração. Nas primeiras leituras, os participantes que tavam lendo esse livro chegavam assim: “Quero tirar uma dúvida com você”. “Comigo?” A dúvida era se a criança ilustrada nos textos era menino ou menina. Aí em vez de responder é menino ou é menina, eu queria saber por que eles estavam com aquela dúvida, porque pra mim não tinha dúvida porque o texto diz que é um menino. Tem até a questão de gênero ali, menino não chora, homem não chora, não tinha dúvida. Eles passaram a ter dúvida porque essa informação tava no texto, mas o desenho apontava uma criança sem traços de gênero muito fortes como menino ou como menina. E a criança também é colorida, uma identidade racial não é marcada ali, branca, negra, indígena, é azulzinha, né? Aí começou um enorme debate sobre essa expressão de gênero, com eu fazendo algumas perguntas, outros participantes dizendo que era um absurdo aquilo, que é óbvio que era menino, outros que é óbvio que era menina, a unidade em que eu faço trabalho é uma unidade chamada de “seguro de vida”. Isso significa que, entre outras pessoas, ali também tem pessoas LGBTQIA+, então tem pessoas trans. Nesse grupo havia uma mulher trans participando, não era muito frequente, muito assídua, mas ela tava presente nesse dia e ela se posicionou e falou que não tem como confundir porque a criança tava dizendo que era menino dentro do texto. Aí eu aproveitei essa brecha pra falar que a gente tinha que debater isso mesmo, mas que a identidade de gênero da pessoa era definida pela própria pessoa e se o menino, que era o narrador do texto, estava dizendo que era um menino a gente não podia ter essa dúvida. A gente podia falar sobre a percepção do ilustrador, que é um artista, de como ele tava lendo a criança e também porque que a gente quer que uma criança tenha traços de gênero tão definidos assim, por que ela não pode ser entendida só como uma criança sem a gente estar tão preocupado assim. Aí entramos num debate de transfobia. Eu lembro de um participante falar assim: “Sabe o que que é isso? O que as pessoas pensam em relação às pessoas trans é igualzinho ao que elas pensam movidas pelo racismo estrutural”. Aí eu deixei ele dar a aula. E ele fez uma relação entre a exclusão que existe por conta do racismo estrutural e a exclusão também das pessoas trans, as violências também que as pessoas trans sofrem e tudo o mais. A gente ficou só escutando o raciocínio dele. Então isso foi muito interessante. Depois as pessoas ficavam tentando fazer relações entre o texto e a ilustração pra se posicionarem se era menino ou menina. Isso foi uma questão.

A outra foi a percepção por parte de um participante de que o pai provavelmente tava em liberdade por causa do fato de a ilustração do prato de comida demonstrar isso. Porque a criança dizia que – qual era a informação? – só ia comer tudo quando o pai tivesse livre...

LMA: Só ia comer a salada. Porque a salada era pra crescer e daí só ia comer salada quando o pai estivesse livre.

VMM: Isso, a salada. Daí quando o rapaz mostrou, levantou... desenvolveu uma intimidade, né, com o livro, com o espaço ali dos nossos encontros, então eu sempre falava: “levanta, mostra”, daí isso já começou a acontecer espontaneamente. Aí mostrou a ilustração, fez a análise, e comentou: “Só pode ser porque ele está livre, porque ele comeu a salada e tudo o mais”. Aí eu valorizei muito isso, falei que não era sempre que os leitores percebem os

detalhes, falei como é importante a ilustração porque ela acrescenta informação. Tem agora uma pessoa lá fazendo um livro. Eu até já comentei com você, mas vou dizer aqui pra deixar registrado. A pessoa tá escrevendo um livro de receitas da prisão...

LMA: Ai, quero!

VMM: O que que eles cozinham, criam, inventam. Tá muito bem escrito, porque tem ali a subjetividade dela, é uma mulher trans também, a subjetividade dela na vivência do cotidiano da cadeia e os arranjos que eles fazem pra sobreviver num lugar hostil e violento, sem sucumbirem. Porque eles não querem sucumbir, então a comida é um elemento muito importante pra essa sobrevivência, porque a comida que o Estado destina para a população prisional é desumana, cruel, é horrível. Então eles inventam, fazem pizza de biscoito amassado, pegam salgadinho Torcida pra fazer tempero, amassa e coloca na comida pra dar um gostinho, entre muitas coisas. Então ela vai contando a história dela ali na convivência com a cela, com a área onde ela vive e as receitas. E tem uma pessoa, outra pessoa, desenhando, fazendo desenhos, com caneta nanquim, que eu doei, então vai ficar um negócio muito maneiro. A pessoa que tá fazendo os desenhos não é participante do projeto, mas o debate chegou pra ela, do que que é importante num trabalho de ilustração. Aí a pessoa que tá escrevendo o livro diz assim: “Eu falei pra ele, né, professora, que a ilustração tem que transmitir também as ideias”. Ela teorizando ali o que é pra fazer. “Ele tem talento, eu chego, dou a ideia pra ele, falo o que é importante. Aí sai um desenho muito maneiro. Nem sempre é desenho da comida, não. Não é pra ficar desenhando a comida.” Aí eu falo: “É, não é pra ficar desenhando a comida”.

LMA: Muito legal isso, porque quando a gente pensou na estrutura do livro com a salada e aí terminava com a salada, a última página era ainda a salada no prato, né? Aí a Marina falou: “Mas isso não pode terminar assim de um jeito tão... porque na verdade terminar assim é terminar sem nenhuma esperança, né? É terminar cruel. Então a gente precisa colocar mais uma página com o prato vazio, porque esse menino, com pai ou sem pai, um dia ele vai comer a salada. Ele vai passar desse lugar”. Então a Marina pensou no menino. E aí a gente até fez um livro que não tem texto de contracapa, que é uma coisa comercialmente mais complexa, pra por só o prato lá, vazio. Mas é muito legal que o cara chegou à conclusão de que se o prato tava vazio é porque o pai tinha saído, né?

VMM: Com certeza, isso foi uma certeza no grupo!

LMA: Ah, que legal, nossa!

VMM: O cara falou: “Porque o pai tá em liberdade”. E eu: “Tá em liberdade? Como você chegou a essa conclusão?” Aí ele falou: “Não tem como, ó, o menino comeu a salada”.

LMA: E a gente pensou: as crianças comem a salada independente do pai. Em algum momento ela vai superar isso e de alguma maneira ela vai ter que comer a salada. Quer dizer, a criança também tem que dar o seu passo, né? Mas, muito, muito, muito legal isso. O pessoal vai pirar nas aulas, da gente ouvir isso, porque é justamente... tem tudo a ver com essa coisa da Michele Pétit no sentido de essas condições que fazem... e é aquela coisa: a gente queria que fosse assim? Não, mas essas condições acabam trazendo outras discussões, e permitindo que as pessoas achem essas brechas, de expressão e tal, e que consigam construir essas pontes mesmo tendo uma educação precária, mesmo tendo dificuldade, mesmo estando nas situações as mais hostis.

VMM: É... é isso. Às vezes a gente se surpreende, porque é uma galera que não teve acesso à educação de qualidade. Muitas vezes eu escutei: “Nunca participei de nada parecido com

isso”. E a pessoa deslumbrada porque estava participando livremente de um debate, podendo opinar sobre... livro! Como assim, né?

LMA: Porque é uma coisa muito distante da realidade, né? Nesse sentido de muito fora... quer dizer, a pessoa é excluída disso totalmente, né? Esse não é o seu lugar.

VMM: Na cabeça dela isso é coisa de intelectual, e intelectual é uma outra galera, distante, outra aura, então é muito interessante ver o processo da pessoa ver que aquilo também pertence a ela.

LMA: Por que esse é um lugar de criar esse pertencimento, né?

VMM: Exatamente.

LMA: Muito bom. Acho que é isso. Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar? Ah, conta um pouquinho do evento que você levou a Marina, o que era exatamente e como foi.

VMM: Eu vou falar a partir dos relatos que eu ouvi, porque eu não fui, né? Minha filha teve problemas. [Vanusa se refere aqui à visita que Marina fez ao presídio logo após o evento realizado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro com agentes de remição de pena em todo o Brasil.]

LMA: Não, mas o evento que você levou a Marina. Mas fala dos dois.

VMM: No presídio, que eu não pude ir junto no dia, porque minha filha teve um problema de saúde e eu precisei acompanhar ela, depois todas as pessoas me mandaram mensagem. A própria Marina, o Paulo Tonani, que é o professor da UFRJ que tava também envolvido e que ela foi o projeto da unidade em que ele atua, dizendo como foi emocionante, como as pessoas se soltaram pra falar com a Marina e ficaram orgulhosas de ter a presença dela, a autora, isso foi forte na fala dos participantes. Se sentiram vaidosos, né. Ficaram super empolgados, pedindo pra levar mais autores. Mas não é sempre que é possível... Aí o pessoal da Secretaria de Administração Penitenciária escreveu dizendo que foi muito emocionante, acharam que a Marina também tava emocionada, e eu respondi que com certeza. Gostaram da experiência, agradeceram por ter feito de certa forma a mediação. Isso foi sobre a visita dela à unidade. Eu tentei inserir a Marina na programação oficial do Encontro Nacional de Leitura nas Prisões, que teve na Biblioteca Nacional, produzido pela Senapen, pela Seap, Ministério da Justiça via Senapen – Secretaria Nacional de Políticas Prisionais – que era o antigo Depen. Não conseguiram porque a programação tava fechada e isso veio muito em cima. Embora eles quisessem muito.

LMA: Vamos ver se a gente consegue pro próximo, né? Pensar antes.

VMM: Acho que o próprio Rodrigo Dias, que é o coordenador de Educação da Senapen, acho que ele próprio já vai tomar essa iniciativa, porque ele deixou isso claro na conversa. Pegou o contato da Marina, o meu, e a gente tem se aproximado cada vez mais. Ele é uma figura ótima. É um homem negro do Rio de Janeiro, politizado, com letramento racial, então é parceiro. Vai rolar. Mas então, falei, na mesa que eu vou mediar vou pegar uma brechinha e mostrar o livro e pedir à Marina pra levantar, pras pessoas verem quem ela é. Isso foi 5 minutos, no máximo, 3 minutos. E falei: “Podem aplaudir, gente, a autora do livro que a gente tanto gosta”. Porque eram os professores, monitores. Ela ficou muito emocionada e quando acabou a mesa, que não era da Marina, era do Galeno Amorim e de uma juíza que trabalha com isso, as pessoas foram em peso falar com a Marina. Ela ficou rodeada de professores que queriam conversar mais, queriam contar a vivência que têm com o livro, como as pessoas se emocionam, tirar foto. Ainda que ela não tenha participado oficialmente da programação, houve essa possibilidade de ela se aproximar das pessoas. E a gente ficou depois 40 minutos,

uma hora conversando com o Rodrigo Dias pra estreitar mais os laços pra ver se a gente consegue essas articulações pros próximos encontros. A Marina parece ter curtido bastante. Eu fiquei feliz, com o pouco que deu pra fazer.

LMA: Muito bom. Te agradeço pela entrevista, pelo trabalho todo que você faz com o nosso livro incrível. Muito obrigada e depois te mandarei o material pronto pra gente pensar nessa publicação possível.

VMM: Sim, vai ser muito legal, temos outras propostas parecidas e vai ficar ótimo. E já te anima pra, assim que der uma brecha, você fazer o mestrado.